

Eneila Almeida dos Santos

PEDAGOGIAS DAS CONFLUÊNCIAS NOS ENCONTROS DE
LEITORES COM AS OBRAS TEATRAIS

Relatório de Pós-doutorado realizado na
Universidade Estadual Paulista – Instituto
de Arte – UNESP/São Paulo.

Supervisora: Profa. Dra. Carminda
Mendes André

São Paulo

2024



SUMÁRIO

RESUMO	04
Prefácio: Quem sou e quais as minhas histórias?	05
INTRODUÇÃO	07
OBJETIVOS	08
METODOLOGIA	09
MATERIAL: Campos Práticos/Teóricos	16
Pedagogia da Triangulação de Ana Mae	16
Pedagogia da Situação de Gisèle Barret	20
Pedagogia do Espectador de Flávio Desgranges	26
Pedagogia do Convívio Poético de Jorge Dubatti	29
Pedagogia das leituras do Mundo de Paulo Freire	33
DISCUSSÕES	
Enchentes e Vazantes das Pedagogias que Confluem no LET: Anotações de uma Viajante	36
2014 - Possibilidades Estéticas e Pedagógicas na formação do espectador	37
2015 - Descortinando o teatro para jovens amazonenses do ensino médio	42
2016 - Leitores/as de espetáculos teatrais: Atitudes investigativas de estudantes do ensino médio de Manaus	51
2017 - Leitura poética além do muro escolar: experimentos cênicos no ensino Médio	60
2018 - Investimentos nos leitores de espetáculos teatrais: ações extensionistas nos espaços escolares	67
2021 - Memórias borradas e as resistências às experiências tecnoviviais	73
2022 - O protagonismo das máscaras nas leituras de espetáculos teatrais	82
2023 - Cruzos entre Pedagogias e Leituras de Espetáculos Teatrais	90
RESULTADOS	102
REFERENCIAIS	103

RESUMO

A pesquisa apresenta as Pedagogias das Confluências presentes nos encontros Extensionistas de Espectadore/as Leitore/as de Espetáculos com as Obras Teatrais, no período de 2013 a 2023. São experiências e Acontecimentos que beiraram e circularam os espaços e lugares do ensino de Manaus, que pisou descalço no chão e nas águas das escolas para impregná-lo de saberes das Pedagogias das contradições, das sombras, das imprevisibilidades e complexidades entre sujeitos e identidades, nas quais a desOrdem e a dúvida possibilitarão outras arrumAções dos conhecimentos escolares confluídos e trançados pelos Saberes do Mundo e das Artes. A metodologia experienciada é autoetnográfica nas etapas de identificação e reconhecimento de um grupo específico do campo da Arte Teatral, o/as Espectadore/es Leitore/as. Os resultados foram alcançados quando se propôs Contar e Compartilhar com Leitore/as de todas as Águas, Matas, Terras Firmes e de Várzeas, a história das Confluências¹ de Leituras e Escritas, dos Encontros entre quem Escreve e quem Lê e quem se Escreve Lendo, da relação afetiva entre o Eu e o Tu do coletivo Extensionista do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas.

Palavras-chave: Pedagogias das Confluências, Mediação Teatral; Leituras de Espetáculos Teatrais, Ações Extensionistas.

¹ A palavra Confluência apesar de já ter utilizado em trabalhos científicos, foi com as leituras das vivências do saudoso Nego Bispo durante o estágio pós-doutoral que comecei a me apropriar com mais intensidade, trocando e juntando Encontros com/e Confluências no decorrer das escritas.

Quem sou e quais as minhas histórias?

Para me contar como Pessoa, Profissional Docente e Artista, precisarei descer Rios para chegar às nascentes desses fazeres e saberes que me apresentam pelas experiências que Fluem e Confluem até a chegada no Estágio Pós-Doutoral no Instituto de Artes da Unesp – SP.

Sou uma Mulher amazonense, nascida em Alvarães, um Município Ribeirinho com quase 16.000 habitantes, distante 530 km da capital. Desde muito cedo me embrenhei nos Rios Solimões, Japurá e Juruá² com toda a família, minha mãe Eneida, minha irmã Eneiza e meu irmão Lucivan, incluindo os tripulantes ilustres, os nossos animais de estimação, a Bordo de um Motor/Barco chamado capitão Silvino, em homenagem ao meu avô paterno.

Era uma casa Flutuante em movimento com quarto, cozinha, banheiro, área livre para circular e brincar, uma sala de máquina, uma lojinha, o porão com muitas mercadorias e fechado por uma escotilha³ tentadora, uma canoa em reboque e o grande e perigoso toldo, pra nós um quintal sem cerca que insistíamos, meu irmão e eu em ocupar como espaço de aventuras, criando situações que faziam daquelas Viagens Fluviais de 2 meses, as melhores férias que podíamos ter.

O meu pai Luiz era o dono do barco, seu comandante, prático⁴ e Regatão, espécie de lojista das Águas que durante meses subia e descia Rios em seu comércio bem sortido de mercadorias da cidade. Morei parte da minha infância e adolescência na cidade de Tefé, também banhada por Lago e Rio, lugar em que me iniciei no Teatro pelo Projeto Rondon⁵ e fui integrante do Grupo Vecchio Novo⁶, atuei em vários espetáculos, incluindo os personagens que representava em eventos cívicos da cidade. Lá vivi até os meus 15 anos de idade.

² É o Rio mais extenso do mundo e seus afluentes, esquerda: Japurá e direita: Juruá

³ Uma porta no convés/piso do barco com acesso ao porão para passagem de mercadorias e pessoas

⁴ Quem dirige/atraca o barco

⁵ Projeto do Governo Federal Coordenado por professore/as universitários de Juiz de Fora que promovia ações extensionistas nas comunidades carentes e isoladas dos interiores do Brasil, curso ministrado pelo saudoso e querido artista Robson Terra.

⁶ Criado e dirigido pelo saudoso prof. Calixto Cavalcante, a ele minha eterna gratidão!

Já em Manaus, capital do Amazonas, lugar de muitas Sabedorias, entre elas as Confluências existentes no fenômeno do Encontro das Águas⁷, do Rio Solimões com suas Águas barrenta/toldadas com o Rio Negro, Águas Pretas, que se respeitam em suas diferenças (PH, densidade, temperatura, tonalidade e velocidade) e vivem juntinhos, aumentando aprendizados. Influenciada por essas lições de Vidas, concluí o Ensino Médio Técnico em Magistério.

Depois mergulhei em vários Cursos de Teatro, integrei o Grupo de Dança e Teatro Estudantil Jurupari⁸ e assumi no mesmo período a Docência no Ensino primário, hoje Ensino Fundamental I. Não tardou e me imbioquei⁹ em outras Águas, Salobras e outras Salgadas, no estado de São Paulo, cursei a sonhada Graduação em Artes Cênicas, inexistente no final da década de 1980 no estado do Amazonas¹⁰.

Entre remadas cheguei ao Cargo de Professora efetiva do Componente de Educação Artística na rede Pública de SP e ao Curso Técnico de Teatro da Escola Técnica Macunaíma. Depois veio o Curso de Pedagogia até atracar¹¹ nos portos dos Cursos de Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura e do Doutorado em Educação: Currículo, este último com Afluentes no além-mar.

⁷ Uma das inspirações poéticas naturais para a escrita do relatório de conclusão de estágio pós-doutoral na Unesp -SP, incluído metáforas e palavras típicas das culturas das águas, das embarcações.

⁸ Grupo de Teatro que me acolheu em Manaus, responsável pelos desejos que me levaram a cursar graduação em Artes Cênicas em SP

⁹ Jogar-se, mergulhar de cabeça nas águas

¹⁰ Apenas no ano de 2000 surge o Curso de Graduação-Teatro na Universidade do Estado do Amazonas

¹¹ fazer uma parada, encostar

INTRODUÇÃO

Mergulho nos mesmos Rios ...

Mas em Águas diferentes

Em 2013 retorno para Manaus após aprovação no primeiro Concurso da Universidade do Estado do Amazonas UEA, para o Cargo de Professora do Curso de Teatro. A grande chance de retorno ao meu Porto Seguro de Águas mansas, as minhas Culturas, Família, Pessoas queridas, agora uma Mulher com outras experiências e com muitas necessidades de embrenhar nas Matas para encharcar-me em seus Rios de Sabedorias.¹²

No mesmo ano iniciei o Projeto de Extensão no Campo da Mediação Teatral, um investimento nas relações entre Leitore(a)s e Leituras para entender os Códigos presentes nas Obras e Compreender o que era Lido no Projeto e fora dele. São Processos desafiadores de Confluência, Cruzos de Cognição, Emoção, Pertencimentos, Rupturas e Diálogos entre Vidas, Pessoas, suas Culturas e Saberes, nas relações Circulares entre Educação formal da Graduação á básica, aumentando perspectivas Artísticas e Pedagógicas, em tempos de sinuosidades sócio/cultural/políticas.

Entre Ensino, Pesquisa e Extensão. o desejo de uma Canoeira era extensionar possíveis Experiências, remando a favor e, em outros momentos contra os Banzeiros¹³, com intervalos de descanso, me deixando à deriva para aprender sem pressa com outras Pedagogias.

Assim, Confluí desejos e organizei o Projeto de Pós-Doutorado para registrar as Convivências do Leitores de Espetáculos Teatrais, LET em comemoração aos seus 10 anos, completados em 2023. Nele me propus a Contar e Compartilhar com Leitore/as de todas as Águas, Matas, Terras Firmes e de

¹² Na escrita me permitirei dar destaque a algumas palavras iniciando-as com letra maiúscula, horizontalizando possibilidades de escritas e leituras além da norma padrão.

¹³ Ondas, agito das águas dos rios

Várzeas, a história das Confluências¹⁴ de Leituras e Escritas, dos Encontros entre quem Escreve e quem Lê e quem se Escreve Lendo, da relação afetiva entre o Eu e o Tu do Coletivo Universidade, Educação Básica e Classe Artística do Teatro.

O projeto está mergulhado em Águas de Conhecimentos variados, cada Escola, Instituição Cultural, Docente, Estudante, Artista possibilitam Navegações, para que as Leituras Fluam atitudes para melhor Ler o Mundo, as Artes, as Palavras, respeitando como acontece no fenômeno do Encontro das Águas, as singularidades.

O LET circula em Lugares internos e externos das Escolas Públicas Centrais e Periféricas, na Cidade ou às Beiras dos Rios e Matas, nos segmentos do Ensino Fundamental, Médio e EJA, nos Espaços Culturais da Cidade, caminha ou navega por Ruas de Barro, por Asfalto e pelos Lagos e Rios das comunidades em Acontecimentos que fizeram e fazem no Campo da Mediação Teatral, registros de Leituras de Obras Teatrais, que serão aqui compartilhadas, em partes Codificadas para que possamos junto/as Ler alguns Textos das Ações do LET e seus Contextos, apresentados em Multiescritas (palavra, imagem, gráfico, mapa, mídia...).

OBJETIVOS

Geral

Identificar as Pedagogias nos Contextos da contemporaneidade que se Confluem nos encontros de Leitores/as de Espetáculos Teatrais com as Obras Teatrais no Projeto de Extensão da UEA – LET- no período de 2013 a 2023.

Específicos

Refletir as Experiências Estéticas do Projeto LET que Beiram os Espaços e Lugares de Culturas e de Educação Escolar na cidade de Manaus e seu entorno.

¹⁴ A palavra Confluência apesar de já ter me utilizado em trabalhos científicos, foi com as leituras das vivências do saudoso Nego Bispo que comecei a me apropriar com mais intensidade, trocando e juntando Encontros com/e Confluências no decorrer das escritas.

Analisar as relações circulares e triangulares entre Ensino, Pesquisa e Extensão para horizontalizar perspectivas pedagógicas da Arte da Mediação Teatral em tempos de sinuosidades sócio/cultural/políticas.

Debater possibilidades de outras arrumações dos saberes escolares trançados pelos saberes da Vida, das Artes.

METODOLOGIA

É construída entre a Etnografia e a Subjetividade da pesquisadora em suas relações com o campo investigado, se afirmando autoetnográfica, quando problematiza as Memórias das Experiências Pessoais da pesquisadora, sujeita da própria pesquisa e as participações Coletivas nessa Escrita que estica e reflete as Confluências Pedagógicas das Artes e da Educação, sem arrumações prévias, à deriva das situações que surgem durante o processo das Leituras do Mundo, das Artes e das Palavras. As etapas são descritivas em diálogo com Leitores/as e Escritores/as Pedagogos como Barret, Barbosa, Desgranges, Dubatti e Paulo Freire, ampliando-se pela sua natureza Extensionista, a outros/as convidado/as que chegarão das Águas e das Matas, Terras firmes e várzeas para compor a Roda de Conversas sobre as Pedagogias das Confluências nos Encontros do Projeto LET.

As Pedagogias dos Encontros do LET

A nascente se deu quando morei em São Paulo, pelos Encantos com a quantidade de Espetáculos Teatrais em cartaz na cidade. Assistia a todos que podia e conseguia e comecei a guardar ingressos, canhotos de bilhetes, programas e *folders*, estava Afetada pelas múltiplas Linguagens da Arte Cênica, me sentia parte das Obras e saía dessas experiências com sede de Diálogo, de Conversas que continuassem as Narrativas. Eu ficava de Bubuia,¹⁵ me nutrindo das Confluências da Realidade com a Ficção.

No ano de 2022, estando membra do Grupo de Pesquisa da minha hoje Amiga e Supervisora de Estágio Pós-Doutoral, Carminda André, precisei me

¹⁵ Efeito de boiar, ficar flutuando nas águas

apresentar, escrever um Texto/Carta sobre os interesses de Pesquisa e contar um pouco da minha história no e com o Teatro-Educação. Então remexi Caixas de bagagens trazidas de São Paulo e encontrei dezenas de correspondências trocadas com amigos e com a família e o meu tesouro Cartográfico, os comprovantes dos Espetáculos Assistidos naquela etapa da minha vida, foi um Encontro das Memórias com a Nostalgia do momento.

A imagem a seguir é uma Instalação¹⁶, um preenchimento de espaço com mais de 400 comprovantes de Espetáculos Teatrais, criada para ajudar a puxar das Memórias, os fios de Vivências que, entrelaçados, Confluem formando a base do que vou Contar sobre o Projeto LET. Passei uma manhã quente preenchendo o corredor de casa que dá acesso aos quartos, banheiro e ao quintal de terra no fundo. Deixei durante um final de semana aquele caminho de Memórias para ser Sentido enquanto era Tocado, Pisado pelos meus dois Curumins, Cauã e Nawê, marido Rebelo e o cachorro Au Dog que muitas vezes levava em suas patas um ou mais recorte dessa História.

Imagem 1 – Caminho que me conta como Espectadora

¹⁶ Uma montagem artística exposta em espaço livre, alternativo



Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Em Manaus, o Projeto LET foi acolhido pelas instituições Universidade, Escolas da Educação básica e Classe Artística Amazonense pelos cruzamentos de interesses e Abordagens Epistemológicas inspiradoras das Ações Extensionistas, nos Territórios da Literatura, da linguística e das Artes voltadas ao ato de Ler, para além da alfabetização gramatical, um tema bem aceito nas Escolas parceiras pela familiaridade com os princípios básicos da Educação elementar: Escrever, Ler e Interpretar.

Entendendo como Jouve, que Ler é “ uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão [...] num primeiro tempo, deixa a realidade para o universo fictício, num segundo tempo volta ao real, nutrido da ficção” (2002, p.109) e que a identificação e boa relação entre Leitores/as e Leituras são fundamentais para o entendimento dos Códigos presentes nos textos, nas Obras, e que compreender o ato de Ler no Projeto LET como fora dele, é um processo complexo de cognição, emoção, querências, pertencimentos, rupturas e diálogos entre vidas, pessoas, saberes e conhecimentos

O LET possui uma abordagem de natureza Dialógica que se baseia em processos construídos a partir das Confluências do Eu e Tu, que se juntam ao redor da Mesa, no Chão de barro, areia ou concreto, nos Barco/lanchas ou catraias¹⁷, nos Beiradões dos Rios, nos Palcos, nas Ruas e Praças, embaixo de Árvores para em Coletividade tornarem apto aos desafios de cada Encontro e seus imprevistos.

O imprevisto é o momento do instante, único e irreversível que nos Acontece, nos Atravessa e nos Sacode criando Atritos para atender às solicitações, chamados e emergências, durante as situações observadas e Lidas no decorrer das Ações e Acontecimentos do Projeto.

A Pedagogia dos Encontros do LET possui algumas características, inspiradas na sistematização da Pedagogia da Situação, que se Conectam e se estruturam em um Conjunto de situações, como Rios caudalosos que se encontram, percebem-se e se aceitam em suas diferenças e nos acréscimos das experiências de seus Afluentes. São Pessoas, Artes e Lugares/espços Artísticos e Culturais da Cidade e de seu entorno que se encontram nessas experiências Extensionistas da Arte Teatral com a Educação.

a) Eu e Tu¹⁸

Pessoas que constroem a Relação Dialógica das Experiências que Fluem dos Saberes individuais que se complementam e se Conectam na coletividade, Confluindo em outros Conhecimentos.

¹⁷ Canoa motorizada ou a remo para transporte de poucas pessoas

¹⁸ No Amazonas tradicionalmente utilizamos o pronome de tratamento TU

b) Mediador/a

O/a Professor/a, que assume as Mediações e Expansões do Centro das atividades para os Extremos das Escolas e que alarga possibilidades e interesses de Ensinagens e Aprendizagens. Tem que ter a responsabilidade de “proporcionar espaços de encontros e experiências de quem atua e quem Especta/Lê, enaltecendo os saberes existentes, almejando que elaborem outros sentidos e significados á Obra e ao Acontecimento” (Santos, 2021, p. 201) e para pensar a realidade experienciada.

c) Estudantes/Espectadore/as/leitore/as

São participantes ativos do processo, encorajado/as e estimulado/as a dar Rumos e Prumos ao próprio aprendizado, participando de todas as etapas de preparo para os Diálogos com o/a outro/a nas relações problematizadoras com as Codificações das Obras Teatrais.

d) Coletividade

Somos todo/as nós que participamos do LET, que agregamos responsabilidades a cada etapa que surge, instituições de Ensino formal e não-formal, Grupos e Companhias de Espetáculos, equipes dos Espaços e Lugares Artísticos e Culturais, as Secretarias de Educação e Cultura, Empresas de transportes Terrestres e fluviais privados, representantes das Comunidades, todos em prol do Acesso e Compreensão dos Códigos e seus significados com abrangência ao público escolar e suas comunidades.

e) Proposta/Conteúdo

O conteúdo inicial é a Nascente das Águas do Projeto que desemboca nas Leituras de Espetáculos Teatrais, com etapas a serem acordadas entre Escola parceira, Os grupos e Cias de Teatro, os Espaços Culturais, uma proposta oriunda dos levantamentos feitos nas Rodas de Conversas sobre as relações e experiências da Escola, da turma que participará do Projeto e professor/a da turma, ou seja, fazemos um levantamento dos Saberes e intimidades do coletivo com os Códigos da linguagem artística, aqui priorizada a Teatral. Nada chega pronto,

zipado nas Escolas, é um processo que vai se construindo coletivamente. Eis aqui o nosso melhor desafio, aprender a aprender em cada grupo de pessoas com seus Corpos Físicos e/ou Poéticos.

O planejamento das Ações Extensionistas sempre foi mais flexível, liberto dos padrões acadêmicos, das velhas políticas da Educação. O que não leva a uma falta de organização, ao contrário, requer mais desdobramentos e atenções às demandas que surgem nos Encontros, a todos os instantes. São situações que dependem de preparo, segurança e muitas experiências no Campo investigado por parte do/a Mediador/Coordenador/Pedagogo/a.

Na Educação Escolar, nós Pedagogos de Projetos, assim denominado por Gisèle Barret, entramos pelas vias da Extensão, que por natureza é um dos pés da Universidade apoiado nas Comunidades e Instituições de seu entorno. Lidamos e Convivemos com Públicos externos que, quando se conectam às ações de Ensino e Pesquisa, tornam-se grandes Potencialidades nas trocas, acréscimos e ressignificações de Saberes e Conhecimentos existentes em contato com os demais apresentados, sempre em perspectivas que Libertem das amarras da burocracia da Escola e da Universidade, uma sensação constante de Burlar as regras, quebrar as Grades e isso é bom demais! Surte efeitos enormes às questões Políticas, Culturais e Artísticas.

As Leituras são referentes a todas as etapas que antecedem, acontecem e sucedem as Codificações Artísticas. O LET convoca para participações Reflexivas, Criativas e Interativas nos Encontros com Pessoas e Produções Artísticas, sem deixar escapar as oportunidades apertadas e escorregadias do Aqui e Agora nas etapas de Acesso, Frequentação, Diálogos com as Obras, Decodificações e Contextualizações Histórica, Cultural e Política.

A intenção de Pesquisa durante o Estágio Pós-Doutoral foi identificar as Pedagogias Contemporâneas que se tecem nos Encontros do LET, as Confluências das relações do Teatro com a Educação, e contar as Experiências que Beiraram os Espaços e Lugares, Terras e Águas durante as Leituras de Espetáculos Teatrais no tempo específico de 2013 a 2023.

No entanto, o LET continuou em 2024 as suas ações com muita bravura devido á licença de 1 ano das atividades de Ensino da UEA, que me possibilitou tempos maiores para a organização das Leituras em uma Escola pertencente a uma Comunidade Ribeirinha com Saberes molhados pelo Rio Negro e que, com certeza Pedagogias outras farão parte dessa fase ÁGUAgrafia do LET, a ser contada em momentos posteriores.

No texto “Anotações de uma Viajante”, priorizamos resumir as estruturas políticas e filosóficas de cinco Pedagogias Contemporâneas e suas Fluências e Confluências com o Projeto, percebidas na revisão das ações vividas, sentidas, escritas, filmadas e fotografadas do LET, no período analisado: Pedagogia das Leituras do Mundo de Paulo Freire, Pedagogia da Triangulação de Ana Mae, Pedagogia da Situação de Gisèle Barret, Pedagogia do Espectador de Flávio Desgranges e a Pedagogia do Convívio Poético de Jorge Dubatti.

Gráfico 1 – As cinco Pedagogias que Confluem nos Encontros do LET



Fonte: Criação da pesquisadora

São Teorias/práticas que banzeram as Águas do LET, oriundas dos campos Navegáveis do Ensino de Arte, da Educação, da Filosofia do Teatro e que dão passagens a outras que virão, sempre transversalizadas pelos conhecimentos da Recepção e da Mediação Teatral, nas quais a investigação tenta se Aprumar como uma embarcação, um motor como aqui chamamos, seguindo o sopro dos Ventos no comando da Mãe Natureza, atracando conforme surgências para outras aventuras.

1 Pedagogia da Triangulação

Ana Mae Barbosa¹⁹

“A contextualização é fundamentalmente decolonizadora pois trata de levar a ver além do objeto e da imagem suas conexões com a cultura na qual foi produzida pelo olhar de leitores diferentes, em diferentes tempos...” (Barbosa, 2022, p. 6)

As águas toldadas²⁰ da fase inicial da minha Docência em Arte foram aos bocados assentando e tornando-se límpida e atraente para o Mergulho que me permitia enxergar na Teoria o que na Prática não conseguia. Conheci a autora, hoje uma amiga querida, conquistada após a Travessia de Rios e Floresta em 1989, em plena fase da Sistematização da Abordagem Triangular. Na época, Ana Mae a convite de Paulo Freire, então Secretário Municipal de Educação, coordenou a elaboração Curricular de Artes, na gestão da primeira prefeita de São Paulo, Luiza Erundina.

Uma transição Conceitual do Modernismo e também da antiga e persistente nos dias atuais, Educação Artística, organizada no FAZER, na produção e reprodução fiel de obras, sem foco na construção de conhecimentos em Arte, para a Concepção Pós-Modernista da Arte-educação, da Arte como Cultura, da Arte como Expressão e Conhecimento, acrescentando com efeitos Revolucionários, as ações de LER e de CONTEXTUALIZAR uma Obra de Arte em suas diversas linguagens, investigando seus Códigos e suas Relações com o Mundo que a cerca e a que a Expande, Amplia para outras Leituras nos Contextos Histórico, Cultural, Coletivo, Pessoal, Cognitivo e Emocional, para além da Materialidade exposta.

Ana Mae nos orienta sobre o papel que devemos assumir enquanto Mediadores de textos Visuais, aqui incluímos as Artes Cênicas, de sermos Possibilitadores de Acessos às Artes, para que estudantes espectadore/as

¹⁹ Ana Mae

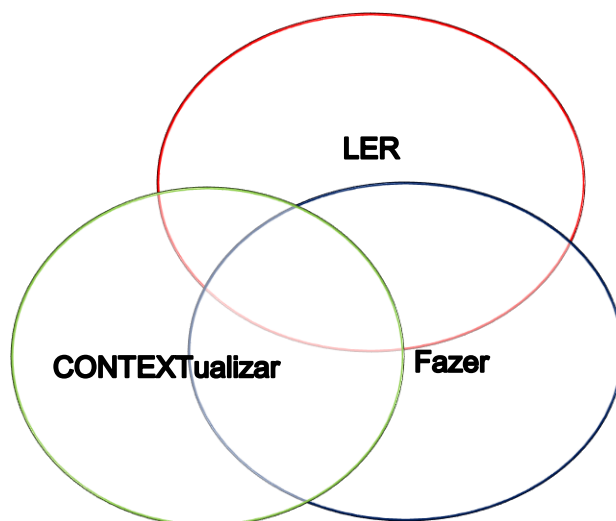
²⁰ Turvas, com sujeiras aguardando sentar-se

Aprendam a Gostar e Entender os seus Gostos Estéticos em Perspectivas Circulares de Desenvolvimento Integral e assim possam Ler o Mundo Criticamente.

O objetivo é desenvolver a percepção e a imaginação para capturar a realidade circundante (pela imaginação descobrimos o que não existe na realidade). Desenvolver a capacidade crítica para analisar, imagens, objetos e a realidade percebida. Estimular a capacidade criadora não só para materializar o imaginado, mas também para responder adequadamente à realidade percebida e analisada modificando-a ou transformando-a (Barbosa, 2022, p. 02)

A tríade de ações Ler, Fazer e Contextualizar uma obra de Arte estão intrinsecamente interligadas, podem acontecer simultaneamente, intercaladas ou circulares, sem ordem e tempo estipulados. A Leitura além das Palavras é conceituada pela autora como Identificação Cultural, Leitura Histórica que parte da necessidade de reconhecimento de Si para melhor Entender e Interagir com os Meios em que está inserido/a.

Gráfico 2 – Circularidade da Triangulação



Fonte: Criação da pesquisadora

Ana Mae (2022, p. 2) menciona que a Leitura é um processo de Ensino muito utilizado na Educação Contemporânea por algumas correntes, em destaque “Pedagogia Crítica e pela Pedagogia Cultural. Falamos da leitura de palavras,

textos, livros e, também, da leitura de gestos, ações, necessidades, desejos, expectativas, imagens e objetos”.

Para o LET, a Abordagem torna-se uma Pedagogia da Triangulação, as 3 ações em Movimentos Circulares, estruturada nos conceitos Estéticos e Culturais Pós-Modernos, em que Leitores/as são convidados/as aos Estudos, Pesquisas e Criações de Obras. Ana Mae constata, pertinente aos nossos interesses, que houve um deslocamento do foco de interesses da Obra de Arte ou/e do Artista para os Meios de Circulação, Recepção, Mediação e Apropriação da Arte, com isso a Leitura de uma Obra de Arte tornou-se um processo de construção de Sentidos para seus próprios Leitores/as.

A educação cultural que se pretende com a Proposta Triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do professor, acerca do mundo visual **e de outras naturezas estéticas** (grifo meu com texto acrescido da própria autora) e não uma "educação bancária" (1998, p. 40).

Em relação aos métodos de Interpretação de uma Obra de Arte, Ana Mae destaca que no Modernismo, os mais importantes foram o Formalismo e a Iconografia, que priorizavam a obra e não o/a Leitor/a, e que somente na Pós-Modernidade que os métodos se libertaram, transformaram-se em Atitudes, Propostas e Abordagens”. (p. 50)

Ana Mae possui um atravessamento das Leituras do Mundo de Paulo Freire, perceptível em suas ações de Ler e Contextualizar, fruto das suas relações com o educador na Escolinha de Arte, conforme descreve em seu artigo “Leitura da imagem e contextualização na arte/educação no Brasil”, publicado em 2022, que torna a sua Teoria/Pedagogia

Na Escolinha de Arte de São Paulo já vinha pesquisando a leitura de objetos levando os alunos a lojas de moda e de objetos de design para observarem e desenharem modificando a roupa ou o objeto para se adequarem aos seus corpos ou a seus ambientes cotidianos [...] sob a tutela de Paulo Freire, que nos enviava livros e discutia ideias (2022, p. 5)

Concluo o início de uma conversa com a Pedagogia da Triangulação apresentando a riqueza de 10 (dez) orientações criadas por Ana Mae para termos

de fato uma Educação Multiculturalista Crítica em Arte, que requer de nós, Pessoas Profissionais das Artes mudanças emergenciais e até tardias se pensarmos que foi escrito em 1998, para termos atitudes Contra-coloniais, que abracem todas as Pessoas, suas Singularidades e Diferenças, as Culturas, as Artes, que para as organizações metodológicas e filosóficas do LET são NORTES que Desagúam em ações de Resistências:

“Promover o entendimento de cruzamentos culturais, através da identificação de similaridades, particularmente nos papéis e funções da arte, dentro e entre grupos culturais.

Reconhecer e celebrar diversidade racial e cultural em arte em nossa sociedade, enquanto também se potencializa o orgulho pela herança cultural em cada indivíduo.

Incluir em todos os aspectos do ensino da arte (produção, apreciação e contextualização) problematizações acerca de etnocentrismo, estereótipos culturais, preconceitos, discriminação e racismo.

Enfatizar o estudo de grupos particulares e/ou minoritários do ponto de vista do poder como mulheres, índios e negros.

Possibilitar a confrontação de problemas, tais como racismo, sexismo, excepcionalidade física ou mental, participação democrática, paridade de poder.

Examinar a dinâmica de diferentes culturas.

Desenvolver a consciência acerca dos mecanismos de manutenção da cultura dentro de grupos sociais.

Incluir o estudo acerca da transmissão de valores.

Questionar a cultura dominante, latente ou manifesta, e todo tipo de opressão.

Destacar a relevância da informação para a flexibilização do gosto e do juízo acerca de outras culturas” (1998, p. 93 e 94)

“Como podemos aprender, em sentido amplo, com tudo o que nos habita e nos rodeia?” (Barret, 1991)

O Encontro com a Pedagogia da Situação desenvolvida pela professora Gisèle Barret se deu em Águas distantes, em 2006 em Portugal, durante o meu Doutorado Sanduiche em Comunicação e Arte na Universidade de Aveiro com a Supervisão do Professor Carlos Fragateiro, ex-orientando da pesquisadora no Curso de Mestrado em Educação: Expressão Dramática na Universidade de Montreal. Eu tive acesso à concepção e estrutura da Pedagogia da Situação, pelos documentos estudados durante as orientações no além-mar.

A sistematização da Pedagogia da Situação foi apresentada pela primeira vez em 1986 em sua obra *Essai sur la pédagogie de la situation en expression dramatique et en éducation*. Com ela nos arriscamos a assumir outras posturas na organização dos Conhecimentos, abrindo espaços para o imprevisto e instável, porém necessários às conexões dos Saberes do Mundo, da Vida com os Saberes Escolares, Acadêmicos e Científicos, unindo Subjetividade e Objetividade no processo contínuo de Ensinagens e Aprendizagens, dentro e fora dos espaços e lugares da escola.

Uma pedagogia da experiência vivida, explorando cada momento do aqui e agora na sua diversidade aleatória, perigosa, imprevisível, arriscando-se a responder às emergências do momento, especialmente se forem expressas pelo/as estudantes finalmente preocupados, envolvido/as, portanto motivados a se apresentarem, sem medo da divergência, da diferença, de forma espontânea, simples, não num permanente equilíbrio de poder, mas numa convivência dinâmica, onde o confronto permite questionar tanto quanto aprofundar (Barret, 1991)²¹

²¹ Citado pela autora em Entrevista feita por Camille Marchand en Vie pédagogique, 144 Quebec, 2007 pp. 5-8

<http://collections.banq.qc.ca/ark:/52327/bs1839273> acessado em 09 de nov 2022

Pedagogia que acontece durante a Vivência, o Acontecimento sem a hierarquização das ações planejadas antecipadamente que influenciam constantemente a situação pedagógica. No fundo, em qualquer contexto de formação estão sempre presentes estas variáveis, logo, a sua exploração e tomada de consciência permite a sua presença em vários contextos de formação onde a experiência artística pela ação é predominante. Valorizando a diversidade do que acontece em cada variante.

A Pedagogia da Situação é organizada em cinco variáveis que Influenciam e Confluenciam a Situação Pedagógica, a Experiência Artística, que se Conectam e Interconectam conforme situações e demandas, previstas e imprevistas, “que funcionam simultaneamente e que a situação se define na multiplicidade e variedade das relações, combinações que aí se formam e entram em jogo” (Barret, 2007), são elas: espaço-tempo, o pedagogo/professor, o grupo e o indivíduo, a experiência/conteúdo e o mundo externo.

Gráfico 3 – As 5 Variáveis da Pedagogia da Situação de Barret



Fonte: Criação da pesquisadora

Espaço/Tempo

O lugar do acontecimento, das relações, dos encontros, sem destinação específica ao interno e entorno da escola, os espaços das situações em tempos

criados e valorizados para e com as necessidades surgidas nas situações pedagógicas. “Cuando se habla de espacio-tiempo en la pedagogia de la situación es preciso en general, entender “aquí y ahora” (Barret, 1995, p. 23).

Barret reforça que precisa de organização e muito ritmo inclusive em suas interrupções, aquele curto espaço que, enquanto mediadores, professores, pedagogos, temos que aproveitar, fazer uso dessa imprevisibilidade, acrescentar interesses, dinâmicas ao conteúdo, à situação em andamento.

Pedagogo/professor

“O professor deve ser como uma toalha absorvente, deve ser permeável a tudo o que acontece em um determinado espaço-tempo” (Barret, 2007)”. Um profissional atento ao aqui e agora da situação pedagógica disponível ao novo, ao diferente e imprevisível que está fora do planejado e existente em sua proposta, objetivando sempre, como menciona Barret no preparo para o alcance da aprendizagem significativa, mais autoral e dialógica com as necessidades do coletivo e do mundo que o cerca.

O grupo (indivíduo e o coletivo)

A variável mais importante são as pessoas e o que elas são e trazem de contribuições, que determinam as relações e etapas da Pedagogia da Situação.

A experiência/Conteúdo

São os elementos conceituais existentes que permeiam as relações entre estudantes e professore/as, acrescidos pelos conteúdos inesperados, porém, presentes nas situações e por isso considerados, valorizados como estímulo para os atravessamentos dos saberes oriundos das experiências coletivas, comuns, respeitando tempo e espaço do sentir e pensar de cada um/a dos participantes.

Mundo externo

Os ambientes particular e público e suas presenças mantem-se em todas as situações pedagógicas e propiciam condições favoráveis nos espaços e tempos em que acontecem as relações.

Barret me possibilitou entender o que na prática funcionava como um currículo oculto, às margens das pedagogias aceitas e fincadas na educação escolar. Me encantei pela possibilidade de um dia poder pesquisar os saberes das pedagogias das contradições, que trabalha com as imprevisibilidades, com os contextos externos à escola e com a coletividade a partir do individual,

[...] que defende a vida em escola, que aprende com a própria vida, muito mais e muito melhor do que as disciplinas programadas e que seguiria o fluxo natural destas jornadas diárias onde os passageiros seriam considerados como seres humanos em sua totalidade e não como cabeças a serem preenchidas e calibradas” (Barret, 1992)²²

Era exatamente o que eu precisava para anos depois iniciar o Projeto de Extensão no Campo da Mediação Cultural, um investimento em Leituras de Espetáculos Teatrais LET, Encontros nos Espaços e Lugares da Educação básica pública do estado do Amazonas, inicialmente em Manaus.

Me inspirei em partes da estrutura Pedagógica organizada por Barret, consegui contactá-la e por e-mail e iniciarmos alguns diálogos sobre a Pedagogia da Situação, fui presenteada com a versão impressa do seu Livro A Pedagogia da Situação na versão em língua espanhola, que chegou pelos correios com dedicatória e páginas aromatizadas, um acolhimento sensível que faz a diferença em nosso meios acadêmico.

Pedagogias da Situação e do Projeto LET são Propostas e Perspectivas possíveis do aqui e agora das Experiências Teatrais, que se atravessam e se completam nos percursos dos Acontecimentos e dos Encontros e Confluências de Pessoas, Culturas, Obras de Arte e seus Contextos.

O Gráfico e a tabela a seguir apresentam um panorama das relações e interconexões das Estruturas do Conteúdo, da Ação e do Grupo que possibilitam Leituras aumentadas da Complexidade da Teoria de Barret, pois aqui priorizamos apenas uma parte do todo, a Pedagogia da Situação.

²² Biennale de L'Education et de la Formation – Paris Unesco 27-50 avril 1992
<http://www.llearning.free-h.net/A-GRAF/Textes/Barret92.htm> Acessado em 02 de nov de 2022

ESTRUTURA DA AÇÃO

INÍCIO - Não é a parte mais importante da ação. Serve, no entanto, de passagem do mundo exterior ao mundo interior da sessão e do grupo. Momento de indução ao que se vai passar. Uso de atividades que preparam o grupo para o tema da sessão. Tempo de encontro entre o grupo e o professor e o 'aqui' e o 'agora'.

Implica o doseamento: da dificuldade corporal (muscular); da diretividade (ordem para o esforço físico); da duração (nem demais, nem de menos); do interesse do grupo (estímulo usando vários meios).

RELAXAMENTO - Implica a libertação do indivíduo para se encontrar de novo consigo mesmo e o descanso físico, a recuperação corporal. Favorece a consciência e a concentração, o relaxamento físico estimula e alivia o espírito. Tem como função o encontro do bem-estar psicofisiológico. Com este bem-estar procura-se a disponibilidade para o momento seguinte. Poder-se-á entender o relaxamento como o momento onde se procura a concentração do sujeito para a ação dramática (física e psicológica)

EXPRESSÃO/COMUNICAÇÃO - Momento onde a expressão dramática acontece em pleno lugar que atribui significado ao conceito 'ação'; põe em ação o sujeito de forma livre e voluntária. Uso de cinco fontes de inspiração à ação:

O 'aqui' e 'agora' do grupo que se encontra no mesmo espaço e à mesma hora;

O 'aqui' e 'agora' do professor, onde este usa aquilo que é (personalidade) na situação em que se encontra;

O espaço- tempo externo do grupo, as suas origens, interesses, geografia, sociedade em que estão inseridos e preocupações;

O espaço-tempo do professor, partilha dos elementos próprios como pontos de vista, experiências, valores e ideias;

O espaço-tempo estranho, ou seja, o espaço que não é familiar, o desconhecido, o espaço ficcionado, ou da realidade.

RETROAÇÃO - Momento que normalmente acontece no final de cada sessão. Reservado para a tomada de consciência 'daquilo que aconteceu'. Procura de feedback entre professor e sujeito.

Pode acontecer no final, como em momentos durante a sessão, ou, até no início da sessão seguinte. A atitude do professor é a de escuta e de observação.

ESTRUTURA DO CONTEÚDO

MEDIUM - O que serve de meio para a ação/ movimento. Serve como instrumento do indireto. Tem como funções equilibrar (todo o grupo no mesmo estado), distrair (concentra a atenção do sujeito num objeto que é externo a si) e provocar (justifica o movimento).

O médium tem como características: simples, manejável, transformável, neutro e atrativo.

IDENTIFICAÇÃO - Aquilo com que o sujeito se identifica aquando de uma sugestão de uma imagem. O sujeito usa as suas referências para expressar essa imagem.

A identificação pode dar-se por imitação (do que viu), por projeção (o sujeito transpõe aquilo que ele é para a proposta) e por transposição (o sujeito interpreta o tema que é dado, coloca-se na outra face do tema ao ponto de perder o primeiro sentido desse mesmo tema. Implica transformação). A transposição pode ser física, afetiva e simbólica.

TEMA - Situa-se entre a identificação e a situação, no que concerne a medição da autonomia do grupo. O tema funciona como uma proposta que possui o mínimo de informação, sugestões, do professor no início do exercício. Aquilo que o professor propõe como sendo a base para a exploração dramática. Um tema pode classificar-se como: objeto, imagem, símbolo ou situação.

SITUAÇÃO - É proposta uma situação que implica o confronto do sujeito com o seu Ser, no imediato. É apresentada como sendo aplicável a sujeitos com um conhecimento mais profundo de si. É em simultâneo o mais fácil e o mais difícil de se concretizar. Fácil porque não necessita de acessórios, difícil porque é a prova máxima para o sujeito.

As propostas podem passar pela relação do sujeito com o espaço, com a afetividade, com a linguagem e comportamento.

“Uma proposição teatral só se completa na realização do espectador-participante”. (Desgranges, 2019, p. 87)

O livro *A Pedagogia do Espectador* de Flávio Desgranges foi para a criação do Projeto LET, nas perspectivas de Formação de Espectador/a, um Divisor de Águas, antes paradas, rasas para mergulhos, utilizadas para Apreciações e depois com Banzeiros constantes, pronta para pulos mais profundos. Uma Leitura indispensável à compreensão da Mediação do Encontro entre Palco e Plateia, alertando e instrumentalizando Formadores para a necessidade de um intenso e rico Diálogo com a Obra, despertando desejos por essa Experiência Estética no contexto da Educação Formal.

Desgranges investiga e fundamenta a participação do/a Espectador/a no Evento Teatral e nos convida aos estudos sobre os Preparos necessários ao Campo Investigativo, a ser trilhado pelo/as Leitor/as para que possam Reflir e Construir as próprias relações com a Obra, pois “sem espectadores interessados neste debate, o teatro perde a conexão com a realidade que se propõe a refletir...” (Desgranges, 2003, p. 27).

No entanto, o pesquisador nos alerta para o fato que “é preciso educar, formar os formadores, propiciar experiência para se criar gosto por essa experiência. Propor processos apaixonantes para formar apaixonados” (2003, p. 68), para que possam assumir posteriormente essas Mediações Pedagógicas Teatrais. E lança muitas provocações que nos sacodem a assumir as investigações sobre o que compete e como se dá a participação efetiva do/a Espectador/a no Acontecimento Teatral.

Como se estabelece a relação do espectador com a obra teatral? Essa recepção pode ser dinamizada? Que procedimentos utilizar visando provocar esteticamente a recepção? Como provocar o espectador a empreender uma atitude artística, produtiva, em sua relação com o mundo lá fora? Qual a importância atual de se pensar uma pedagogia na contemporaneidade? Como compreender o processo de formação de espectadores? Formar para quê, afinal?

(Desgranges, 2003, p.17).

Aprendi no convívio com Flávio Desgrandes²³, que ao acompanhar e participar das Construções e Desconstruções do Aparato Teatral, Estudantes Leitores/as de dentro das Cenas investigam os Significados dos Elementos que as compõem e assim, constroem Gostos e Aproximações, criam uma Relação Afetiva, Estética e Cognitiva com o Teatro.

Mas, para que isso aconteça, outras perguntas são flechadas pelo pesquisador no sentido da necessidade emergencial de uma Pedagogia do/a Espectador/a, que dê conta da importância, para além do acesso físico aos espaços e estéticas das cenas contemporâneas, do Ler e principalmente do Compreender e Interpretar o que foi Lido de forma Crítica e Autônoma.

Como promover de fato a atuação do espectador na evolução e nas transformações do teatro? Como tornar efetiva a participação no evento? Como garantir acesso aos lugares de espetáculos? Como despertar interesses em frequentá-los?

No LET não temos respostas assertivas, mas possibilidades construídas coletivamente a partir das necessidades que surgem nas etapas do Acontecimento Artístico. São estudos e elaboração de metodologias para o desenvolvimento de competências do/a Espectador/a Leitor/a, para que estejam atento/as e saibam ou pelo menos tentem enfrentar os desafios da Arte da expectativa. Aprimorando estudos que qualificarão as suas escolhas de Espetáculos Teatrais ofertados nas Escolas e no Circuito Cultural da cidade de Manaus.

Nos compete nas Confluências da Arte Teatral com as Escolas, Estimular, Mediar e Proporcionar experiências que em banzeiros, levem Estudantes e Professore/as a criarem relações mais íntimas com os Espetáculos Teatrais, a fazerem Leituras que desembocam em Diálogos Críticos, Criativo e Produtivos com a Obra Teatral, aproximando a Escola do Teatro e o Teatro da Escola, Instituições, Obras e Pessoas construindo Histórias e garantindo os seus valores.

Adotamos nos últimos anos de Projeto LET, metodologias que investem no estreitamento das relações da Mediação Teatral com Espectadore/as Leitores/as e

²³ Durante o curso de Doutorado tive a alegria de cursar a componente de Pedagogia do Espectador com o professor Flávio Desgrandes,

a Obra, uma delas chamamos de Ocupação. Inspiradas em relatos de Desgranges (2003) sobre Projetos Pedagógicos de Mediação nos Grupos franceses e Belgas, como *Journée au Théâtre*.

Ocupação 1 - A turma de Espectadore/as Leitore/as Ocupa, faz uma imersão nos Espaços do Teatro. Desde cedo iniciam uma visita pelas dependências do Teatro que pode ser guiada por um/a técnico/a que detalha o funcionamento técnico do som, da luz, participam de um lanche organizado pelo LET com todo o coletivo do Espetáculo e da Escola, acompanha a rotina (programação acordada) que pode ser um ensaio geral ou de cenas específicas, participam do aquecimento do/as artistas, da montagem de cenários, passagem de som e luz, ajudam nos detalhes da organização do Espetáculo, dialogam com o todo presente nos espaços das Cenas.

Ocupação 2 – É o deslocamento de Artistas e Obra para ocuparem a Escola, chegam cedo e na companhia da sala participante do Projeto, visitam os espaços internos da escola, tomam um lanche com o/as Espectadore/as Leitore/as, conhecem a gestão Escolar: Direção, Coordenação pedagógica, técnico/a, permitem interações e ajudas na organização de cenário, ajustes nos figurinos, mostram os segredos da maquiagem, dos efeitos de iluminação, as vezes convidam parte do coletivo para compor as cenas, e as conversas, curiosidades e indagações são interrompidas apenas durante as apresentações. Nessa imersão a escola toda ou parte cabível no espaço da apresentação, é convidada para assistir ao Espetáculo.

Um troca sensível e de respeitos entre a Arte que vai à Escola e aprende com suas especificidades de Conhecimentos, a Escolas, o/as Espectadore/as Leitore/as, estudantes e professore/as que vão ao Espaço da Arte, do Teatro e que de dentro conseguem organizar melhor os códigos identificados na obra e gerar significados e sentidos, aumentando desejos e gostos pela experiência artística.

“Cada espectador é em si mesmo um sistema complexo de combinações imprevisíveis, que deve ser avaliado na sua singularidade”. (Dubatti, 2021, p.5)

Jorge Dubatti aporta em nossas leituras, no início da pandemia da covid-19, inicialmente pelas suas palestras e participações em eventos Acadêmicos e Científicos que apresentavam caminhos para refletir o que estávamos passando, isolados em nossos lares, vivendo sozinho ou com a família, tendo que aprender a se relacionar conosco e com o mundo a nossa volta, revestidos por uma bolha viral.

A nitidez das palavras de Dubatti me tranquilizava, rompia o medo que pairava entre as paredes que aprisionavam o corpo enquanto a mente ganhava volume e ritmo exagerados no esforço para querer entender o momento chamado “o novo normal” e suas relações com as Vidas, com as Artes e o Teatro em especial. Um Mestre perfeito em tempos sem rumos!

Seria possível ter uma experiência, um Acontecimento Teatral com corpos separados, mas em ebulição Poética, com desejos de Atuar, Mediar e Expectar²⁴? Como iríamos sobreviver sem essas trocas e aprendizados sem as relações presenciais dos corpos? As perguntas se amontoavam em minha mente, planejar novas experiências era uma saída emergencial, de salvaguarda da minha sanidade, se é que ainda a possuía. Eu teria que aprender a Ler os mesmos textos em tempos outros!

Passado a fase do gradil nas relações sociais, o retorno às convivências sociais foi de afeto pela Teoria de Dubatti e busquei na prática experimentar como uma Pedagogia possível para os encontros do LET, considerando a tríade Convívio + Poésis Corporal + Expectación, a base Filosófica de suas investigações, intrinsecamente relacionados para formar o todo do Acontecimento teatral, que aqui chamaremos de Pedagogia Poética do Convívio Teatral.

Gráfico 5 – Tríade do Acontecimento Teatral de Dubatti

²⁴ Pegar conceito dubatti



Fonte: Criação da pesquisadora

O Convívio ou o Acontecimento Convivial é uma Reunião, um Encontro de Corpos presentes de Artistas, Técnicos e Espectadore/as em uma Encruzilhada de Territórios, escola, rua, bar, casa, espaços culturais, em convivência para Expectar o Ato Teatral (Dubatti, 2020, p. 15). Essa Experiência Poética de Convívio Conflui durante o Acontecimento Teatral desde o preparo que antecipa as Ações da Atuação e Expectação até o retorno as suas casas, nas quais Artistas e Espectadores continuam Afetados, imbuídos essa Totalidade que compõe a ideia de Corpos Poéticos.

Enquanto acontecimento convivial construído a partir de uma troca poiética entre pelo menos um ator e pelo menos um espectador num determinado tempo e espaço, o teatro pensa a partir do corpo em tensão, a partir da singularidade de uma memória (re)encarnada em cada espetáculo e reduzida a cinzas no espetáculo. (Dubatti, 2021, p. 13)

Essa tensão entre a realidade quotidiana e a Entidade (corpo) Poética é quando um corpo, que é um corpo natural, biológico, social, o corpo do/a Artista e do/a Espectador/a passa de um estado material para outro estado, o Poético, o corpo em estado de afetação, impregnado, encharcado e modificado pela Ação Artística, momento esse da transição dos corpos que nomeia de Acontecimento (Convivial-Poético-Expectatorial). Um exercício de Produção Convivial de Poiésis,

de um Corpo que ao mesmo tempo que é um Corpo natural, vivente é um Corpo Poético tanto em estado de Expectação quanto de Atuação.

Em relação a/o Espectador/a, Dubatti pontua que “cada espetador é em si mesmo um sistema complexo de combinações imprevisíveis, que deve ser avaliado na sua singularidade”. (Dubatti, 2021, p. 5), bem mais do que alguém que observa atentamente na Expectativa do que vai Acontecer, há uma espera participante, ativa, que Expecta em Movimentos, cria Poesias, alimentam Desejos e Curiosidades no e com o Acontecimento Teatral.

O teatro é um lugar para viver - de acordo com o conceito de convivialidade e de cultura viva, a poíesis não é apenas vista ou observada, mas é vivida. A expectativa, portanto, deve ser considerada como sinónimo de viver-com, perceber e ser afetado em todas as esferas das capacidades humanas pelo ente poético em convivência com outros (artistas, técnicos, espectadores). A distância ontológica em relação à entidade poética é um conhecimento historicamente adquirido: o espectador toma consciência da natureza da entidade poética a partir da sua frequência e do seu contacto com o teatro. (Dubatti 2012, p. 42) tradução da pesquisadora

Dubatti (2019, p.10) explica com muita didática o que é confuso na escrita apesar da pronúncia se manter na forma padrão: Embora a palavra Espectador e Espetáculo serem escritas com S, no exercício da Expectação é com X, agrega a noção de fora, para fora ou a partir de fora, ou seja, o prefixo EX alimenta a ideia de distância, de Contemplar a partir de um Outro Lugar, de Observar de Fora do que se Espera. A EXpectativa é a ação de Observar a Produção Poética de Corpos durante o Acontecimento Convivial.

Nos orienta e desde já acatamos, sobre a potencialidade histórica da categoria do/a espectador/a, as suas conquista no decorrer dos tempos, por isso a palavra substantivo Espectador deve aparecer acompanhada por um substantivo associado ou um adjetivo que denomine a sua Singularização, as suas Ações, Participações plurais no Acontecimento Teatral, mostrando a complexidade de seus fazeres e dos estudos e investimentos que atendam aos interesses e desejos dessa Categoria, pois possuem total autonomia nas diretrizes do seu aprender com a Arte Teatral: “No pretenden decirle al espectador lo que debe pensar o sentir, sino ofrecerle herramientas de multiplicación para que, empoderado, construya su propia relación con la experiencia teatral”. (Dubatti, 2021, p. 7 e 8). Exemplo:

Espectador crítico, Espectador ritual, Espectador contemplador, Espectador ator, que no caso do Projeto LET, denominamos como Espectador/a Leitor/a.

Outra descoberta na Pedagogia de Dubatti e que me identifiquei enquanto Mediadora, Pedagoga Extensionista de Projetos, atriz, professora de Teatro foi a Filosofia da Experiência, um/a novo/a investigador/a no campo da Recepção teatral, aquele/a que vive a experiência, primeiro como espectador/a e depois como técnico/a ou artista, pois existe mais confluências, conexões e complementaridade de Saberes entre Espectador e investigador/a do que mesmo entre o investigador e o/a artista, técnico/a.

O/a investigador/a de Teatro acompanha os Acontecimentos, está Atravessado neles ou diretamente ligado a eles. Desta forma, esse/essa investigador/a é, fundamentalmente, “un espectador que se autoconstituye en laboratorio de percepción de los acontecimientos teatrales. (Dubatti, 2012, p. 48)

Não satisfeita em apenas Ler os escritos de Dubatti, quis de perto, em outra qualidade de presença, acompanhar metodologicamente as ações da Escola de Espectadores de Buenos Aires - EEBA que Dubatti é coordenador/fundador desde 2001 em Buenos Aires – Argentina e que já se ramificou em mais de 80 Escolas em vários países.

Sou uma das mais de trezentas estudantes, que desde o mês de março do corrente ano, iniciei na EEBA de forma remota, uma Espectadora Tecnovivial que, através das ferramentas tecnológicas como o *Zoom e Facebook*, acompanho às segundas-feiras das 18h 40 às 20h40, horário BA, o encontro Convivial Mediado pelo Professor Jorge Dubatti, transmitido ao vivo para o mundo.

São entrevistas, conversas com Artistas de Espetáculos que estão em cartaz em Buenos Aires, que além da divulgação das Obras e a garantia de Espectadore/as nos diálogos com as obras teatrais, são aulas de Teorias de História e Filosofia do Teatro que abordam o Campo da Recepção e Mediação Teatral, ministradas pelo melhor Mediador Teatral da contemporaneidade. Da EEBA recebemos por e-mail e WhatsApp, antecipadamente, toda a programação, indicações de Espetáculos e seus descontos para nós estudantes e compartilhamentos de divulgação de eventos científicos na temática da escola com

a participação de Jorge Dubatti. Por sorte e insistência agora aprendo de dentro da escola para melhor entender o seu fazer que tanto me resgatou de afogamentos da liquidez viral e, com certeza outros caminhos serão permitidos nas caminhadas do LET a partir da didática da Pedagogia do Convívio Poético de Jorge Dubatti.

5 Pedagogia das Leituras do Mundo

Paulo Freire

“Agora já não é possível texto sem contexto”. (Freire, 1989, p.19)

Paulo Freire é o atravessamento possível de todos os Territórios navegados, percorridos nas Leituras do Projeto LET, pois priorizou em suas experiências Política, Educacional e Social, a alfabetização de Pessoas com as Leituras do Mundo para as Leituras das Letras, das Palavras, possibilitando apreensão de seus Códigos e Significados para que pudessem criar o Hábito de Ler e de saber Interpretar o Lido, uma Autoconstrução Crítica e Criativa, para além dos Textos e assim Espalhou e Democratizou Conhecimentos.

Freire nos convida a refletir “a importância do ato de Ler” e os Sentidos do que Lemos, os esforços necessários para que o Lido seja estudado e compreendido. “O vocabulário sozinho não resolve as tuas dificuldades. Tu tens de trabalhar para compreender o próprio vocabulário”. (Freire, 1989, p.32). Nessa perspectiva, buscamos organizar as Leituras Poéticas no Projeto LET, que são textos orais escritos, visuais, gestuais, sonoros, táteis e seus contextos....

São Leituras do que se Vê, do que se Sente e se Experimenta, Leituras horizontalizadas que Conflui Textos e Contextos das Experiências de vida de quem Ler, individual e coletivamente. Uma passagem da LeituraMundo para PalavraMundo como denominou Paulo Freire, permitindo a compreensão das Codificações em Diálogos com as Realidades do/as Leitores/as.

O ato de Ler na Pedagogia das Leituras do Mundo, não se esgota na Decodificação da Palavra ou da Linguagem, que amplio para as Artes, torna-se Atitudes Contínuas de aprendizados, por isso, desde cedo, é preciso formar Leitores/as com envolvimento integral com aquilo que se Lê, pois Afetado/as, pela

Compreensão do Texto Lido e Vivido tornam-se Conhecedores/as, Pessoas que sabem Dizer-se, Contar-se com as Próprias Palavras.

Em relação à organização do processo de Alfabetização, um dos aspectos primordiais para Freire era a escolha das Palavras.

Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador. A pesquisa do que chamava universo vocabular nos dava assim as palavras do Povo, grávidas de mundo. Elas nos vinham através da leitura do mundo que os grupos populares faziam. Depois, voltavam a eles, inseridas no que chamava e chamo de codificações, que são representações da realidade. (1989, p. 13)

Freire nos leva a reflexões da Autodesvalia do lido referindo-se ao saber da experiência das pessoas com pouca leitura e da necessidade de superação do estar às margens desses códigos, precisando emergencialmente de investimentos em acesso e em “conhecimento mais rigoroso”, que o/as tornem mais seguro/as e confiantes nas leituras, para então “A partir daí se sabem sabendo e exigem saber mais” (FREIRE, 1989, p. 34), Um sujeito Leitor/a que se coloca diante do desafio de tornar-se um curioso e crítico, referindo às Experiências Acontecidas em São Tomé e Príncipe, no final da década de 1970.

O olhar curioso e investigativo é necessário a/o Leitor/ de uma Obra Teatral e deve Ramificar para o coletivo do Projeto LET; afinal, estamos trabalhando com Docentes e Discentes, experienciando possibilidades de estudos na área do conhecimento das Artes, uma relação que valoriza os Conhecimentos da Universidade em Confluências com os da Educação básica, com os saberes que Brotam da Terra, das Águas, dos asfaltos, das Comunidades e rasgam como faz a pororoca²⁵ as paredes duras que separam essas etapas, fluindo em singularidades da Educação Escolar.

²⁵ Fenômeno natural onde se formam grandes ondas devido ao encontro das águas de rio com as do mar.

O exemplo a seguir, contado por Paulo Freire em sua obra *A importância do ato de Ler sobre as práticas dos debates nos Círculos de Cultura*, pra mim é NORTEador no entendimento da proximidade e de Confluências da Pedagogia das Leituras do Mundo com a ação do LER e CONTEXTUALIZAR da Pedagogia da Triangulação de Ana Mae, lembrando que Paulo Freire foi professor de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes de Recife e que deve sido uma fase de muitos envolvimento com as Artes, de grandes experiências libertárias, principalmente nas relações de trocas com sua ex-estudante e amiga Ana Mae Barbosa.

Visitávamos um Círculo numa pequena comunidade pesqueira chamada Monte Mário. Tinha-se como geradora a palavra bonito, nome de um peixe, e como codificação um desenho expressivo do povoado, com sua vegetação, as suas casas típicas, com barcos de pesca ao mar e um pescador com um bonito à mão. O grupo de alfabetizando olhava em silêncio a codificação. Em certo momento, quatro entre eles se levantaram, como se tivessem combinado, e se dirigiram até a parede em que estava fixada a codificação (o desenho do povoado). Observaram a codificação de perto, atentamente. Depois, dirigiram-se à janela da sala onde estávamos. Olharam o mundo lá fora. Entrelharam-se, olhos vivos, quase surpresos, e, olhando mais uma vez a codificação, disseram: “É Monte Mário. Monte Mário é assim e não sabíamos”. Através da codificação, aqueles quatro participantes do Círculo “tornavam distância” do seu mundo e o re-conheciam. Em certo sentido, era como se estivessem “emergindo” do seu mundo, “saindo” dele, para melhor conhecê-lo. No Círculo de Cultura, naquela tarde, estavam tendo uma experiência diferente: “rompiam” a sua “intimidade” estreita com Monte Mário e punham-se diante do pequeno mundo da sua quotidianidade como sujeitos observadores. (1989, p. 25)

Paulo Freire nos convida a refletir “a importância do ato de Ler”²⁶ e os sentidos do que lemos, os esforços necessários para que o lido seja estudado e compreendido “O vocabulário sozinho não resolve as tuas dificuldades. Tu tens de trabalhar para compreender o próprio vocabulário. (FREIRE, 1989, p.32), nessa perspectiva que buscamos organizar as leituras de espetáculos teatrais no projeto

²⁶ Texto com o mesmo título sobre a importância do ato de ler, relatos de experiências de PF e sua equipe sobre alfabetização de adultos em São Tomé e Príncipe.

LET. Na esteira das experiências, a alfabetização de vidas, das leituras de mundo para as leituras das letras, das palavras, entendendo os seus códigos e significados para criar o hábito de Ler e de saber interpretar o Lido, aumentando conhecimentos para além dos textos.

DISCUSSÕES

Enchentes e Vazantes²⁷ das Pedagogias que Confluem no LET

AnotAÇÕES de uma Viajante

Toda Navegante Investigativa organiza o seu diário de bordo, faz anotações precisas, registra os Acontecimentos, as mudanças de percursos e seus resultados, para que em momentos posteriores, sirvam de orientações. Assim o fiz e compartilho partes Vividas/Lidas que Contam a minha, a nossa história de Leitores de Espetáculos Teatrais do (no/com) Amazonas.

Nos relatos a seguir, optamos em manter os textos como foram escritos na época, apesar da vontade de modificá-los pelos ganhos que fomos conquistando, são recortes que mostram as etapas das Leituras do Projeto Let de 2013 a 2023, divididos nos tópicos a seguir:

- ❖ Ano do Acontecimento: os registros são datados ao término de dois semestres de ações do LET.
- ❖ Título e subtítulo: São pertinentes às leiturências²⁸;
- ❖ Eixos Pedagógicos: Características identificadas após releituras dos escritos das Pedagogias/Teorias e suas Confluências durante o período experienciado.
- ❖ Dados das Leituras: Os espetáculos Teatrais, as Escolas parceiras, os Lugares e Espaços Culturais ocupados e autore/as estudados.

²⁷ Fenômenos naturais que ocorrem quando os rios secam ou enchem demais

²⁸ Confluência de Leituras e Experiências individual e coletiva

- ❖ Descrições das Leituras: Prefácios e Posfácios com escritas dos contos e narrativas de Pessoas e Leituras de Textos Poéticos em diálogos com os Contextos culturais, políticos e sociais. ²⁹

... São nados feitos às braçadas lentas, com alguns afogos que me impulsionavam a tufar o peito para emergir em grandes respiros!

2014 - Possibilidades Estéticas e Pedagógicas na formação do espectador

Eixos Pedagógicos

- ❖ Experiências significativas
- ❖ Colocar-se no lugar do/a outro/a
- ❖ Propor outras soluções
- ❖ Gerar novos conflitos
- ❖ Iniciar um processo pessoal de formação
- ❖ Dar asas ao imaginário
- ❖ O fazer teatral sacudindo às indagações e descobertas
- ❖ Investir no emocional e no sensorial
- ❖ Ousar ir além do que espera ver no palco
- ❖ Todo/as tornam-se co-responsáveis pela trama assistida/lida
- ❖ O teatro na sua essência artística e nos diálogos possíveis com o contexto social, cultural e pedagógico

Espectáculos: O Homem, a Pedra e o Rio da Cia. Mitos de Teatro e Tropeço da Cia. Tato Criação Cênica

Escola Estadual: Márcio Nery

Espaços Culturais: Teatro Américo Alvarez e Fundação Dr. Thomas

Autore/as: Mae. Koudela. Desgranges. Brecht. Rosseto. Spolin

Prefácio

Compartilho aqui experiências com Estudantes, Professores e Artistas em diálogos com os saberes de suas comunidades, de seus lugares de pertença, focados nas Leituras e Fruições da obra teatral e no desafio de estimular estudantes e professores para que possam decodificar os signos e valores presentes nos espetáculos teatrais, assistidos no decorrer das atividades escolares. Os procedimentos metodológicos oriundos da pesquisa-ação constituíram-se em registros de informações e das experiências seguido de reflexões e análises dos signos e valores presentes nos espetáculos teatrais assistidos/lidos no decorrer das investigações. Esperando que os espectadores ou como

²⁹ Os recortes dos relatos de vivências, a maioria, foi compartilhado em encontros de arte-educadores durante os Eventos Científicos da Federação de Arte educadores do Brasil -FAEB

denominou Boal, especta-atores, estudantes e professores apresentem-se mais autorais em seus discursos, permitindo colocar-se no lugar do/a outro/a para propor outras soluções, gerar novos conflitos e compreender o teatro enquanto arte dentro do contexto social, cultural e educativo.

Pensando nos diversos desafios e ajustes necessários entre os saberes pedagógicos da docência do ensino superior e da educação básica, principalmente nas relações teorias e práticas, surgiu o projeto de extensão na área da formação do espectador, que propusesse à comunidade amazonense, no caso específico a escolar da rede pública de ensino, experiências artístico-pedagógicas, relacionamentos entre culturas, oportunidades e diálogos, de trocas e valorizações de saberes e fazeres teatrais.

As concepções de alguns autores como Brecht, Spolin, Barbosa, Koudela, Desgranges, Rosetto, sobre a ação do espectador no fazer, sentir e pensar a obra de arte, são imprescindíveis aos estudos dos conceitos formação de público, formação de espectador, recepção, mediação, percepção, fruição, apreciação e leitura de uma obra de arte, norteadores desse processo de investigação que, questiona inicialmente, como investir no espectador estudante e professor para que possam decodificar os signos e valores presentes nos espetáculos teatrais assistidos no decorrer das atividades escolares?

É necessário que o espectador compreenda a dimensão do seu papel no evento artístico e invista nesse conhecimento. Nesse sentido, Spolin classifica a plateia como o elemento mais reverenciado do teatro, é ela que dá os significados ao espetáculo apresentado, Cada técnica aprendida pelo ator, cada cortina e plataforma no palco, cada análise feita cuidadosamente pelo diretor, cada cena coordenada é para o deleite da platéia. Eles são nossos convidados, nossos avaliadores e o último elemento na roda que pode então começar a girar (2001, p. 11).

Perguntas problematizadoras são direcionadas aos estudantes nos primeiros encontros, são indagações sobre as experiências com as artes nos espaços culturais e na escola, visitas às atividades culturais e artística dentro e fora da escola. A seleção do espetáculo é feita a partir dos dados colhidos na etapa anterior da escuta às experiências com o teatro, dentro das ofertas do circuito cultural da cidade e nas montagens e produções do curso de teatro da UEA, o preparo para a saída dos estudantes segue os trâmites escolares normais, conversas sobre a ida ao espaço cultural, dados técnicos do espetáculo, autorização, uso do uniforme no dia da saída, dispensa dos componentes curriculares do dia, uma opção bem aceita por parte dos estudantes e de seus responsáveis. O transporte deve atender a quantidade de estudantes e seus professores

Após dois encontros na escola, o grande dia chegou, a viagem de ônibus até o espaço teatral Américo Alvares, foi tranquila, apesar do movimento intenso de carros e da ansiedade dos estudantes para o que eles chamaram de “aventura no centro da cidade”. Todos foram recepcionados por uma funcionária do teatro e convidados a tomar seus lugares na plateia, enquanto a equipe técnica dava os últimos ajustes na luz e no som, uma oportunidade de acesso importante para todos que atentos acompanhavam toda a preparação do espetáculo.

Espectáculo: O homem, a pedra e o rio

Terceiro sinal, cada espectador inicia um processo pessoal de formação, interrompido apenas pelo fechar das cortinas e o surgimento do ator para o diálogo com a plateia; atendendo as várias indagações e curiosidades sobre a dramaturgia, os processos de criação das cenas e das interpretações, um indício à apreensão de significados próprios acerca da obra apresentada, um dos alvos do projeto.

No retorno de ônibus até a escola os estudantes comentavam sobre o que tinham assistido, descreviam o cenário, os personagens, os destaques de algumas falas, o espaço teatral, enfim, davam asas ao imaginário e o fazer teatral os sacudia às indagações e descobertas.

As ações posteriores ao espetáculo seguiram uma combinação entre o método discursivo e apresentativo, conceituados por Koudela (2010, p. 23) como investimento na mediação de informações e na troca oral de opiniões, e o apresentativo como recursos de jogos, rodas de conversas, narrativas, desenhos que ajudam nas diversas leituras do espetáculo assistido.

Os eixos formativos planejados para as leituras do espetáculo - foram questionários sobre as impressões do espetáculo, rodas de conversas para compartilhamentos de conceitos específicos dessa arte, reflexões sobre o espetáculo e roteiro de provocações (escritas, desenhadas e narradas). Fatores cuja finalidade se dá na organização dos conhecimentos que vão sendo adquiridos:

Aparato técnico: bilheteria, programa da peça, avisos existentes no local, recepção.

Edifício do teatro: arquitetura, o entorno, acomodação na plateia, camarim Espaço do palco: tipo de palco, coxias, cortinas, recursos tecnológicos

Composição da cena: ator, personagem, figurino, adereço, cenário, sonoplastia, iluminação, gestual, direção, autor

Espectáculo: Tropeço da TATO Criação Cênica

Preparamos os estudantes para receberem um outro tipo de proposta cênica, um teatro de formas animadas, em que a história era contada pelas mãos dos atores, sem palavras, apenas sonoridade do cotidiano em forma de onomatopéias, um desafio pela abrangência da temática, velhice, vícios, morte e a convivência na plateia com um público bem específico, os idosos, pois o espetáculo foi apresentado na Fundação Dr. Thomas, um parque dos idosos da cidade.

O espaço reservado para a apresentação foi um auditório e, diferente da primeira experiência, os diálogos aconteceram antes do espetáculo, os atores fizeram uma síntese das experiências do grupo e da proposta do espetáculo, respondendo, na sequência, às dúvidas dos estudantes que apresentavam em seus discursos uma riqueza de dados, com utilização de palavras técnicas da linguagem teatral, ousavam ir além do que esperavam ver no palco, assumindo uma relação mais autoral com o teatro.

No retorno à escola as conversas foram a partir das observações e leituras provocadas pelo espetáculo, os estudantes imitavam as personagens, apropriando-se de gestos, sons e ruídos trabalhados e nunca visto por eles e que reverberaria nas aulas de arte cedida para as atividades do projeto de extensão.

Cada encontro com os estudantes e o professor de arte exigia um planejamento diferenciado, tal como indica Desgranges, definido a partir de indagações propositivas ao aprimoramento do processo: Como estabelecer pedagogicamente as relações entre obras e espectadores? Como estruturar essas experiências estéticas? Que recursos utilizar para que alunos e professores tenham mais gosto e autonomia em suas leituras?

A primeira conquista foi dialogar com a gestão sobre o medo de sair com estudantes, uma válvula de escape para a quantidade de horas em que ficavam sentados enfileirados, com direito escasso às idas ao banheiro, aguardando o único momento possível para “quebrar paradigmas disciplinar”, a aula de ed. Física, pois a de Arte é quase toda voltada aos conteúdos de história da arte, requisito para os programas dos vestibulares das universidades locais.

Esse é um fator significativo ao espectador que aciona, bem antes da chegada ao espaço teatral, o imaginário ao encontro dos desafios que virão. As curiosidades e indagações construídas durante a distância percorrida nortearam as experiências de observação e fruição do espetáculo, por isso as reflexões não podiam “pular” essa etapa imprescindível ao processo de formação. Lentamente surgiam frases relacionadas a esse espaço como constituinte das ações: “Durante a viagem fui imaginando algumas situações que poderiam ser apresentadas no palco”.

“Esqueço o mundo lá fora e embarco na história”, “me deixo contagiar”, esses depoimentos dos estudantes foram norteadores para o planejamento de ações reflexivas

que os levassem perceber as interrelações das temáticas dos espetáculos apresentados com o mundo lá fora e seus conflitos dando vez e voz para o outro que especta, também um parceiro, parte orgânica da arte de representar.

Posfácio

No teatro descortinado como propunha Brecht em sua estética teatral, todos os envolvidos tornam-se co-responsáveis pela trama assistida, conhecedores dessa arte de representar que impulsiona outros fazeres e olhares possíveis também dentro e fora do ambiente escolar. Enfim, espera-se que, mais consciente de seu papel como espectador ou como denominou Boal, especta-ator, estudantes e professor aprimorem cada vez mais esse fazer artístico, permitindo-se colocar no lugar do outro. Propondo e gerando soluções e novos conflitos; dissecando com conhecimento e criticidade as diversas propostas artísticas que assediam o ambiente escolar. Entendendo o teatro na sua essência artística e nos diálogos possíveis com o contexto social, cultural e pedagógico.

2015 - Descortinando o teatro para jovens amazonenses do ensino médio

Eixos pedagógicos

- ❖ Escuta sensível por parte da pesquisadora
- ❖ Estimular a autonomia narrativa e interpretativa
- ❖ Participação direta no espaço das cenas
- ❖ Memórias, pertencimento, fatos importantes associados às ruas, aos lugares de convivência social
- ❖ Sequenciar e assumir histórias contadas por outros/as
- ❖ Aprender a aprender
- ❖ Ouvir às perguntas, os questionamentos direcionados à arte das cenas e, fazer acompanhamentos investigativos às buscas dos espectadores pelas suas próprias respostas.

Espectáculos: O Mala da Arte – Montagem Cênica UEA, Gotas de Chico – GET, Agreste – Montagem Cênica UEA, A valsa nº 6 – Montagem Cênica da UEA
Escolas Estaduais: IEA e Francisco das Chagas

Espaços Culturais: Laboratório Samambaia – ESAT, Teatro Américo Alvarez e Pça da Saudade

Autore/as: Mae. Desgranges. Freire. Rosseto. Ferreira. Ranciére.

Prefácio

Intenciona registrar e refletir as memórias trazidas do segundo ano do projeto de extensão que foi pensado para a instituição pública escolar com investimentos no espectador estudante e no docente de arte para que possam assumir e exercer seu papel de espectador crítica e conscientes diante da procura e da oferta e como consumidores de um bem artístico. Focamos aqui as diversas leituras das obras teatrais assistidas e as

metodologias que levam à decodificação dos signos e valores presentes nesses espetáculos.

Com apenas dois egressos do curso de Licenciatura em Teatro no Estado do Amazonas até meados de 2014 não tínhamos como atender às demandas das escolas em suprir a ausência de docentes habilitados para o ensino e aprendizagem dos conteúdos da linguagem Teatral, presentes nas propostas curriculares das secretarias estadual e municipal.

O critério de escolha das escolas no momento inicial do projeto é a proximidade com a universidade, item facilitador no deslocamento dos estudantes e de seus docentes aos espaços culturais. Atendemos a 01 escola por semestre, com encontros em datas acordados com a gestão da escola para as necessidades que surgem no decorrer do processo.

A capacidade crítica e criativa do estudante espectador e de seu professor/ de arte em dialogar com a obra teatral passa por um processo cíclico entre o fazer, o ler e o contextualizar, ações propostas por Ana Mae Barbosa na década de 1990 referentes à produção, contextualização e leitura de imagens que se coadunam com as investigações de Desgranges, no que se refere ao ato criativo do espectador, às leituras dos signos presentes na obra teatral, a partir de uma experiência triangular de movimentos sequenciais na qual o espectador reconhece o signo; depois o decodifica para poder então interpretá-lo.

O projeto parte dessas abordagens, inspirado inicialmente nos questionamentos, geradores da pedagogia do espectador, as ações se direcionam às relações presentes entre a obra e o sujeito que a especta, para que este conquiste uma atitude mais autoral diante do fato artístico, trilhando caminhos opostos à leitura bancária alertada por Paulo Freire

Desse modo, os estudantes se revesam nos diversos protagonismos da arte teatral, todos aprendem e ensinam simultaneamente, uma dialética que requer,

Metodologia - Em sua segunda edição, buscou-se um método de trabalho mais dialógico, voltado aos diversos perfis, experiências e demandas individual e coletiva dos sujeitos estudantes e docentes participantes da pesquisa. Uma escuta sensível por parte do pesquisador-coletivo que a divide nas etapas de investigação bibliográfica e pesquisa de campo, retornando, conforme necessidade, aos estudos condizentes com as demandas surgidas.

Escola: Instituto de Educação do Am

O cenário nos remete de imediato a um espaço fabril, muitas salas inspecionadas por funcionários preparados para manter a ordem, os corredores devem estar sempre vazios, até na ausência dos docentes os estudantes permanecem em suas salas. Essa escola funciona com oito aulas diariamente, interrompidas apenas pelos toques da sirene para os intervalos e as refeições.

A professora de arte foi bem receptiva e logo se integrou à proposta abrindo possibilidades para os encontros fora do espaço escolar. A aceitação do projeto foi unânime entre os estudantes de uma sala do primeiro ano do ensino médio, uma turma com perfis variados em experiências artísticas, quadro justificado pela localização da escola, próxima a museus, teatros, praças, monumentos e pelas ações artísticas pedagógicas da professora, que dosava em suas aulas experiências teórico-práticas nas quatro linguagens da arte com experiências vastas em dança, música, teatro e artes visuais, o que mudava todo o contexto formativo.

O questionário de sondagens artísticas e culturais, apresentado a seguir, imprimiu aos formadores e à coordenação do projeto desafios diferenciados das formações anteriores, estudantes, na sua maioria, já conhecia e/ou fazia teatro dentro e fora do ambiente escolar, com um diferencial, sempre essas experiências ocorriam dentro de um espaço fechado, eram espectadores artistas em processo.

A equipe responsável pelo projeto, coordenadora e graduandos extensionistas bolsistas e voluntários, iniciou uma sondagem de ofertas no circuito artístico profissional e nos repertórios do curso de teatro da universidade, principalmente nos componentes curriculares de interpretação e direção teatral, de espetáculos com estéticas diferenciadas em espaços alternativos da cidade de Manaus com a possibilidade de participação no projeto de formação de espectadores.

Logo, chegamos ao espetáculo dos estudantes finalistas do curso de bacharelado em teatro, intitulado “O Mala da Arte”, na modalidade teatro de rua. Após negociações com o grupo iniciou-se a etapa mais complexa desse tipo de formação, a operacional: que envolve as demandas de transporte para o cenário, viabilidade da parte elétrica, alimentação e um detalhe importante, essa formação se daria em uma praça pública da cidade, o que requer autorização dos órgãos competentes e ensaios no local para algumas adequações.

Espectáculo: O Mala da Arte – Montagem Cênica do Curso de Teatro da UEA

O acordo firmado com a escola incluía alguns encontros com os estudantes antes e depois das saídas aos espaços culturais, o que possibilita uma conversa inicial sobre as experiências artísticas dos estudantes espectadores, um preparo para uma leitura mais aprimorada dos espetáculos a serem assistidos, os itinerários a percorrer, a organização na escola, a obrigatoriedade das autorizações dos responsáveis, a presença da docente de arte e de toda a equipe do projeto e o lanche a ser oferecido durante a saída para a formação.

Os estudantes no dia dos espetáculos são dispensados das suas aulas do turno da manhã, parte da equipe fica no apoio ao grupo de teatro e o restante na escola organizando a saída que requer registros na portaria da instituição por um funcionário responsável pela segurança.

A alegria era estanke, muitos registros fotográficos, conversas em tom mais elevado que o habitual e aquele alvoroço no momento da distribuição dos lanches, o que, verdadeiramente, refletia o bem-estar de todos naquela manhã de sol amazonense. Estavam curiosos uma vez que não tinham assistido a um teatro de rua, lançavam perguntas que competia a eles mesmos respondê-las: local que iriam sentar? Como os atores iriam lidar com o público itinerante, já que o local era uma praça pública? E o trânsito intenso no local? O barulho dos veículos durante a encenação?

Alguns cuidados como conferência das autorizações de saída pelos responsáveis são tomados antes da caminhada ao local do espetáculo, opção adotada pela proximidade entre a praça pública e a escola, o que proporciona momentos relevantes de conversas e aquecimento dos corpos que ficarão à vontade no chão de terra do espaço teatral escolhido.

A organização dos elementos de cena e os atores já caracterizados despertam curiosidades nos espectadores transeuntes, que se aproximam para conferir de perto o evento que muda a rotina semanal do espaço, que no passado acolhia muitas manifestações artísticas e culturais, hoje distante do conceito de convivência e diversão para a população, principalmente nos finais de semanas e feriados.

A trama do espetáculo proporcionava aos espectadores participantes e não participantes do projeto, momentos de descontração, participação direta no espaço das cenas, um cenário urbano, possibilitando uma maior apropriação dos signos, dos elementos teatrais apresentados.

Após o espetáculo os estudantes dialogaram com toda a equipe do “O Mala da Arte”, indagavam sobre a direção, os atores, os colaboradores, e mantinham-se focados nos questionamentos e curiosidades acerca do texto, maquiagem, figurino, sonoplastia, preparo corporal da equipe, trilhando os caminhos investigativos para entender as diferenças existentes entre o teatro de rua e o teatro convencional, aumentando a complexidade nessas leituras.

Espectáculo: Gotas de Chico do Grupo GET

Outra proposta cênica é apresentada, um espaço teatral convencional com aparatos técnicos que aguçam outras provocações às leituras do espaço e das cenas. O percurso até o espaço teatral é um elemento formador de igual importância, os estudantes conseguem estabelecer relações de tempo, memórias, pertencimento, trazendo fatos importantes associados às ruas, aos estabelecimentos. Eles estão mais presentes, atuantes nessa modalidade que nos percursos feitos por transporte, observam com mais detalhes e interagem com os grupos sociais presentes nesses cenários: vendedores ambulantes, motoristas, pedestres, lojistas, guardas de trânsito, reclamando, lógico, do sol e da falta de hábito de caminhar pela cidade durante o dia.

Programamos uma conversa que antecedia ao espetáculo, enquanto os artistas se preparavam, a intenção era descortinar o teatro, apresentar as partes que integram o todo nessa estética bem diferenciada da primeira formação, compartilhar a montagem do cenário, a passagem de luz, o aquecimento corporal e vocal, a correria da produção, enfim, a exploração do avesso do teatro, desmistificando a magia que acontece após o terceiro sinal, com direito às interrupções para as curiosidades e observações dos estudantes espectadores.

Era a obra se compondo diante daquele que a especta, convidando-o para a dialética entre a realidade e a ficção para que pudesse, embebido nesses signos, tomar partido, traçar novos rumos, sequenciar uma história que se apresenta como fragmentos para que o outro assuma autorias e funções, “cabe a eles e a mais ninguém a tarefa de efetivar uma compreensão da experiência teatral, ainda que esta possa se enriquecer muito na conversa com outros [...] o ato do espectador é necessariamente autoral, e exige uma produção pessoal” (Desgranges, 2008, p.81).

Escola: Francisco das Chagas

Possui características opostas à primeira, poucos espaços interno e externo. A presença constante de estudantes pelos corredores, justificada pela ausência de docentes não atribuídos até o momento aos componentes curriculares. O perfil dos estudantes também contrastava, a maioria não tinha experimentado a arte teatral dentro e fora do espaço escolar, o que exigiu da equipe um maior número de encontros com esses novos espectadores.

Espectáculo: Agreste – Montagem Cênica do Curso de Teatro da UEA

O espaço escolhido foi uma sala laboratório do curso de Teatro da UEA, queríamos que os estudantes espectadores iniciantes dessa arte adentrassem na instituição, conhecessem o prédio, as salas de aula, a estrutura que abrigava o curso, a base do que para eles era algo distante e quase invisível, pois desconheciam esse espaço e as suas produções.

O público fazia parte do cenário, estava dentro das cenas, no mesmo plano que a atriz e seus personagens. O espetáculo sofreu algumas alterações para atender às demandas do projeto, a atriz do curso de bacharelado fez cortes e reduções das cenas propiciando um tempo maior para as conversas com os espectadores/leitores.

A roda de conversas demorou mais do que o previsto, queriam saber os detalhes da composição do espetáculo, o tempo dos ensaios, a autonomia que tinha em relação às criações, as opções de elementos que compuseram o cenário, como conseguia interpretar vários personagens, se seguiria a carreira de atriz em Manaus, criticavam a complexidade do texto, “no início foi chato, mas com o passar das cenas tudo foi ficando atraente”. Comentaram sobre a temática do espetáculo e a pertinência com alguns conteúdos que estão estudando na escola, por fim exploraram os efeitos de luz, as sombras e algo que nos intrigou: “legal que cada um imaginou o fogaréu na casa, se fosse num filme assistiríamos bons minutos de destruição”.

Aqui o discurso teatral desses jovens apresenta-se mais crítico e criativo, eles assumem a continuidade da narrativa, é autoral, estão sendo sacudidos a dialogar com a trama e fazer seus próprios julgamentos.

Espectáculo: A valsa nº 6 – Montagem Cênica do Curso de Teatro - UEA

Os estudantes espectadores demonstravam interesse maiores pelos bastidores que pela produção final, não esgotavam as dúvidas e interesses pelo processo que antecipava e finalizava a obra, o que nos inspirou a combinar com uma das estudantes de bacharelado em teatro, que na ocasião estava dirigindo o espetáculo “A Valsa n. 6” de

Nelson Rodrigues, a abertura de um ensaio para os estudantes em formação, orientando-a que ficasse à vontade na condução do seu trabalho, porém, aberta às interrupções e dúvidas que surgiriam naquela manhã de trocas de conhecimentos a partir das leituras da obra a ser apresentada.

Chegamos a tempo para acompanhar a organização do espaço, a afinação do som, da luz, ajustes no cenário, aquecimento corporal e vocal da atriz e a composição gradativa do seu primeiro personagem.

Apresentamos o espaço teatral relatando um pouco da sua história e importância artística e cultural para todos nós, principalmente nas relações existentes entre quem faz e quem assiste ao teatro, ou seja, do espectador com as cenas. A diretora ajustava a luz da cena inicial auxiliada por um técnico de iluminação e orientava a atriz a se posicionar nas marcações. Os estudantes espectadores observavam em silêncio cada etapa que prefaciava o espetáculo naquela manhã, o tempo da atriz ao encontro dos seus personagens e um conjunto de símbolos e signos que se formavam abrindo um espaço de relações.

O debate após o ensaio aberto foi de caráter emancipatório, os estudantes dialogavam com precisão com as proposições cênicas apresentadas, queriam detalhes do método de interpretação da atriz referente à assimilação, memorização dos textos, composição dos personagens, das relações da atriz com a encenadora, investigando como conseguiam conciliar os ensaios com os estudos da graduação, e se o teatro afetava a rotina da sua vida pessoal.

A diretora do espetáculo fez uma retrospectiva de todas as etapas do processo de criação daquela obra, as mudanças ocorridas, a complexidade e os desafios da trama, a logística da produção, os estudos em andamento da maquiagem, o cenário, o figurino, mas que estava feliz com os resultados até aquele momento, e, que, se sentia muito honrada com a presença dos estudantes espectadores antes da estreia, pois as diversas leituras ocorridas seriam grandes contribuintes no processo prestes a se encerrar.

De volta à escola e com a certeza de termos cumprido mais uma etapa de acompanhamento de espectadores estudantes, pedimos uma pausa para as nossas avaliações que servirão de base para a continuidade desse pensar propostas que atendam às necessidades desse público tão especial à arte das cenas no Amazonas.

Posfácio

Analisando as experiências nas duas escolas participantes como contributos engrandecedores ao despertar artístico dos espectadores participantes, para que possam no retorno às suas escolas, criar os seus próprios processos estéticos, em diálogos constantes com a realidade. O diálogo só começa e não tem pretensão de se extinguir, o processo é árduo e muito temos que aprender a aprender nesse universo fantástico da pedagogia teatral. Mas adiantamos que a relação das professoras de arte com o projeto é bem significativa, pois conforme relatos tornam-se mais seguras na condução do pensar, fazer e contextualizar propostas artísticas e pedagógicas na mediação de um espetáculo, dentro e fora da sala de aula. Bem mais que ensinar nesse processo de mediação, atingimos outros patamares no desenvolvimento coletivo como a escuta sensível, ouvir às perguntas, os questionamentos e análises direcionadas à arte das cenas e, principalmente, os acompanhamentos investigativos às buscas dos espectadores pelas suas próprias respostas.

2016 - Leitores/as de espetáculos teatrais: Atitudes investigativas de estudantes do ensino médio de Manaus

Eixos Pedagógicos

- ❖ Ações de Acesso, competência leitora e autonomia teatral docentes e discentes.
- ❖ Atitudes de segurança em relação aos signos e significados da arte teatral, pois íntimos desses elementos, a leitura artística torna-se mais prazerosa, produtiva e autoral.
- ❖ Transição do eu para o “nosso”, um coletivo que almeja a autonomia de leitores dos signos das obras teatrais.
- ❖ Presença do discurso cênico crítico a partir de leituras dos textos dramaturgicos, das informações dos grupos artísticos convidados, do reconhecimento histórico dos espaços de vivências, entrevistas, pesquisas, roda de conversa, antes e depois dos espetáculos, além de estudos dos elementos individuais na composição da obra, sondagem sobre o processo de criação
- ❖ Provocações metodológicas abertas ao diálogo com as experiências sensíveis
- ❖ Forma-se um espectador/leitor/a de teatro no âmbito escolar?
- ❖ Buscar na experiência pessoal e coletiva, cotidiana, escolar e particular informações, experiências que, quando decodificadas e analisadas no coletivo, levem à superação da leitura mais ingênua, inocente
- ❖ Tramas que exigiam uma investigação imediata dos signos presentes nas cenas, o que manteve a turma muito atenta ao grau de complexidade apresentado.
- ❖ Romper a parede que separava palco e plateia e, de dentro, processar os diversos códigos e convenções daquela linguagem, principalmente da contemporaneidade do texto. O silêncio das palavras como brechas para que esse/a outro/a, destinatário/a, ousasse assumir lugar na narrativa.

Espectáculos: Agreste – Montagem Cênica da UEA, Balões - Grupo Cartola Produções, Se essa rua fosse minha - Grupo Baião de dois, Fando e Lis – Montagem Cênica do Curso de Teatro da UEA

Escolas Estaduais: Frei Silvio Vagheggi e D. Pedro II
Autore/as: Desgranges. Ryngaert, Santos, Jouve

Prefácio

A proposta investigativa de formação de espectador no âmbito escolar, na cidade de Manaus, é uma iniciativa oriunda das experiências docentes da coordenadora do projeto no programa Cultura e Currículo da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, um investimento nas ações de Acesso, Competência leitora e Autonomia teatral dos docentes e discentes. Espera-se que após esses investimentos, os envolvidos no processo possam alcançar a autonomia necessária à elaboração de juízo de gostos e de discernimentos, principalmente para fazer escolhas no mercado de procura e de oferta de produtos teatrais no âmbito escolar.

Pensar metodologias que contemplem a formação do espectador de teatro no âmbito escolar é uma tarefa que requer informações dos diversos perfis pessoal e coletivo dos sujeitos da pesquisa nos contextos artísticos e pedagógicos, como os conteúdos de teatro estudados, as experiências estéticas do teatro na escola e da escola no teatro, região onde moram e estudam, espaços que frequentam, mediações das experiências no ambiente pessoal, familiar e escolar e os repertórios e consumos artísticos da e pela escola. Itens que foram sondados pela linguagem oral, escrita e visual e agregados aos dados iniciais da proposta, refletida na perspectiva do “eu”, professora pesquisadora coordenadora do projeto para o “nosso”, um coletivo que almeja a autonomia de leitores dos signos das obras teatrais.

Nosso desafio é local, regional e nacional, ter e valorizar as artes no campo do conhecimento, nos eixos que norteiam o fazer, o ler e o contextualizar referente à linguagem teatral, uma recente conquista na política de formação docente no estado do Amazonas, com a implantação do curso de Licenciatura em Teatro em 2010.

Para construir sentidos e significados nessas experiências faz-se necessária investigar a complexidade que envolve o institucional da escola, os gestores, os pedagogos, os professores de arte, os estudantes, as secretarias de educação e cultura e a especificidade da logística em prover fundos para concretizar essas saídas das escolas e a manutenção dos procedimentos estéticos de forma responsiva, para que se chegue ao término de cada semestre com atitudes diferenciadas em qualidade nas apropriações críticas do coletivo, coordenadora, professores e estudantes, acerca das leituras dos espetáculos e na ampliação de possibilidades metodológicas dessa linguagem nas escolas do estado do Amazonas.

Isso significa que o projeto vai além da pretensão extensionista de fortalecer a interação com a comunidade, uma vez que adentra e convive com a realidade da escola, buscando no epicentro da mesma dados concretos para pensar a relação entre esse segmento da educação e a universidade e como fortalecê-los nas trocas e aprendizados

que surgirão desses encontros. O processo pedagógico inicia, efetivamente, na relação de pertencimento do professor de arte da turma do projeto, na compreensão da necessidade de investimentos nas leituras de uma obra artística para se chegar ao ato autoral almejado.

Essa autonomia, no entanto, dependerá da sensibilidade dos organizadores dessas experiências estéticas em provocar nesses leitores, não iniciados, um discurso cênico crítico a partir de leituras exploratórias dos textos dramaturgicos, das informações dos grupos artísticos convidados, reconhecimento histórico dos espaços de vivências, entrevistas, pesquisas, roda de conversa, antes e depois dos espetáculos, além de estudos dos elementos individuais na composição da obra, sondagem sobre o processo de criação, “apreendendo os mecanismos de construção e desconstrução do aparato teatral para que nessa investigação com os elementos de significação possibilite os participantes a travar diálogos, uma relação efetiva de comunicação, um diálogo produtivo com o a obra” (Desgranges, 2004).

Iniciamos essa outra etapa questionando acerca das nossas competências pedagógicas e estéticas no que tange à formação do espectador no contexto educacional, como elaboraríamos provocações metodológicas abertas ao diálogo com as experiências sensíveis dos sujeitos da pesquisa? Forma-se realmente um espectador/leitor de teatro no âmbito escolar? Que recursos físicos e tecnológicos utilizaríamos nessas experimentações? Qual seria a participação efetiva do administrativo e pedagógico nos dias das saídas das escolas?

Enfim, uma chuva de ideias e dúvidas pairava sobre o grupo que corria contra o tempo para organizar as ações do foco investigativo, o espectador, que aqui estamos chamando também de leitor, um sujeito estimulado a decifrar e interpretar os signos das obras, dos textos propostos nas experimentações que passamos a compartilhar nesse memorial descritivo.

Os estudos sobre a leitura das diversas formas textuais ocupam um lugar de destaque na contemporaneidade, seja nos grupos artísticos, nas escolas ou universidades a busca pela leitura mais “rentável” e menos linear influencia o pensamento, a elaboração e a experimentação da desconstrução do texto, possibilitando pluralizá-lo ao leitor para uma composição mais pessoal.

No compasso desacertado entre produção e mediação, acesso e fruição surgem novos paradigmas do teatro na educação, novos fazeres são experimentados na pedagogia teatral em espaços alternativos de aprendizados, praças públicas,

estacionamentos, refeitórios, repertórios artísticos flexíveis como ensaios abertos, leitura dramática, escolhas de cenas para a recepção dos estudantes, construção/desconstrução de montagens cênicas, participação de toda a equipe dos espetáculos, dentro e fora do ambiente da escolar e mediado pela equipe do projeto e as professoras de arte, direcionando o artístico e o pedagógico às ações do fazer, ler e contextualizar os códigos e signos das obras apresentadas.

Para o autor francês Jouve, (2002), existem dois tipos de leituras, a inocente, que segue o desenvolvimento linear do texto e a experiente em que o leitor, também chamado de releitor, utiliza um conhecimento aprofundado do texto para decifrar os signos presentes na obra lida, assistida.

Esses jovens foram estimulados desde o início do projeto ao diálogo constante com os elementos de composição da arte teatral, buscando na experiência pessoal e coletiva, cotidiana, escolar e particular informações, experiências que, quando decodificadas e analisadas no coletivo, levasse à superação da leitura mais ingênua, inocente como define Jouve.

Escola: Frei Silvio Vagheggi

Uma turma de estudantes do 1º ano do ensino médio matutino, jovens espertos, acessíveis ao novo e diferente, sedentos pela ousadia em ocupar outros espaços culturais nessas apreciações estéticas. A opção escolhida foi um dos espaços de experimentações cênicas do curso de teatro, uma “caixa preta” com alguns aparatos cênicos com direito a uma visita guiada pelo entorno e parte interna do prédio, esclarecendo a operacionalidade dos ambientes artísticos e pedagógicos dos cursos de arte, orientando-os para o uso de banheiros e bebedouros, desligamento de aparelhos celulares durante o espetáculo, abertura ao diálogo posterior à apresentação e a sequência da exploração do texto nos momentos posteriores, em sala de aula.

Espectáculo: Agreste - Montagem Cênica do Curso de Teatro da UEA

Os espectadores/leitores ocuparam o chão da sala compondo o cenário do espetáculo durante o aquecimento e a preparação da atriz, observando, em silêncio, os ajustes de luz, figurino, delimitação do espaço, retoque na maquiagem, aquecimento da voz, ou seja, adentraram ao santuário cênico, romperam a parede que separava palco e plateia e, de dentro, processavam os diversos códigos e convenções daquela linguagem, principalmente a contemporaneidade do texto.

Os diálogos giraram em torno da dramaturgia, curiosidades sobre o autor, processo de criação dos personagens, funcionamento do curso de teatro, opção pelo cenário, iluminação. O próprio texto direcionava as perguntas que seriam lançadas às cenas, criando vínculos de identificação do leitor com os elementos cênicos utilizados que remetiam ao cenário nordestino.

“me fez voltar no tempo e lembrei da família do meu pai”, “parece uma história fictícia, distante de nós, mas é real, traz um tema polêmico, bem interessante para ser debatido na escola”, “você não se atrapalha interpretando tantos personagens?”, “Você mesmo se dirige?” “Como você consegue decorar tanta coisa e se esquecer, como faz?” “Você pretende seguir carreira de atriz e diretora aqui em Manaus ou quer seguir carreira em outro lugar?”, “Deve ser muito estranho e legal fazer uma faculdade de teatro”, “A temática é perfeita para o projeto que estamos trabalhando na escola, vai ser bem interessante dar continuidade e experimentar outras opções dentro da temática”.

O caminho de volta à escola era guiado pelas interpretações dos códigos presentes na montagem assistida, teciam fios de recordações que saíam da linearidade do discurso e se entrelaçavam em proposições ambiciosas no fazer teatral, o que exigia da equipe do projeto atenção aos múltiplos olhares que norteariam a sequência de atividades no coletivo do ambiente escolar, mas com a certeza, já apregoada por Desgranges (2008, p.81), que esses diálogos, “por mais relevante que seja, a resposta do outro não lhes serve completamente nesse caso, pois o ato do espectador é necessariamente autoral, e exige uma produção pessoal”.

A segunda formação contou com a participação do projeto cênico “Clowntidiano”, interpretado por um estudante de bacharelado em Teatro apresentava uma estética diferenciada que proporcionaria outras leituras aos estudantes, com diálogos compostos por gestos, movimentos, sons e onomatopeias, sem continuidade das informações apresentadas como no texto analisado anteriormente, mas facilitado pelos gestos reconhecidos nas ações cotidianas, uma escrita quase coletiva, pois as contribuições eram contínuas, talvez pelo fato de ter ocorrido dentro da escola, em um espaço alternativo para as reuniões pedagógicas, pois o dia estava prometendo chuva e estaríamos com os estudantes em uma praça pública sem área coberta para proteção.

“o que seria diferente na peça se tivesse sido apresentada na pça.?””, “você improvisa tudo isso ou tem uma história escrita para todas as cenas, me diverti muito mas também pensei na história contada, a perda, a tristeza”, “é meio estranho vê um palhaço trazendo cenas que são tristes, não tenho vontade de chorar, sei que logo virá algo alegre,

engraçado”, “fiquei com medo de ser puxada para o espetáculo, eu gostei de assistir mas não queria participar das cenas”, “parabéns pela tua coragem, deve ser difícil fazer um palhaço, esperar que o outro entre na brincadeira”, nos prendemos no personagem e não ficamos procurando a iluminação, o cenário”.

Imagem 9 – Espectadore/as Leitore/as acompanhando os ajustes finais do espetáculo Agreste na sala Laboratório Samambaia do Curso de Teatro da UEA

Escola: D. Pedro II

Situada no coração da capital amazonense, possui uma arquitetura secular com um anfiteatro que a torna mais íntima da linguagem priorizada nessa investigação. A proposta foi muito bem aceita pela professora de Artes que de imediato agregou outros procedimentos pedagógicos no fazer artístico, já que daria continuidade ao projeto nos dias em que não estivéssemos na escola. O percurso da caminhada do Estadual até a Praça São Sebastião – localizada em frente ao Teatro Amazonas – seria objeto de estudo para a turma que teria que observar e registrar os bens materiais (arquiteturas, fachadas, calçadas...), para estudos posteriores e produção de uma exposição na escola, o que tornou o grupo de estudantes investigadores atentos aos códigos da cidade, utilizando celulares, máquinas fotográficas, caderno de desenho, enfim, um aquecimento perfeito para a estética aguardada, um teatro de rua.

Espectáculo: Se essa rua fosse minha do grupo cênico Baião de Dois

Era da linguagem também clownesca com 40 minutos de duração. A Praça São Sebastião logo cedo já estava “sitiada” por seguranças, com o intuito de proteger o turista estrangeiro e a manutenção da higienização do espaço, evitando a aproximação dos moradores em situação de rua, quase uma metáfora para o título do espetáculo que iríamos assistir/ler. Lembrando, que dias antes a coordenação do projeto já havia solicitado o uso do espaço público à Secretaria de Cultura da cidade, uma das responsáveis pelo patrimônio histórico do centro da cidade.

A praça observada por esses estudantes que não a percebiam, na correria das passadas diárias rumo à escola, da mesma forma que o espetáculo exigia a participação atenta de todos para imaginar, criar as situações não mostradas, invisíveis ao leitor que, aproveitando os elementos do seu mundo real, sequenciaria e completaria o texto, se assim o quisesse. Essas atitudes autorais impulsionaram as experiências daquela manhã, a personagem simpática do texto, a palhaça Candura mostrava a complexidade das ações

gesticuladas, o silêncio das palavras e abria brechas para que esse outro, o destinatário, ousasse assumir o seu lugar na narrativa.

Espetáculo: Fando e Lis....

Um ensaio aberto foi preparado para esse público leitor, uma adaptação livre de um grupo de estudantes de Licenciatura em Teatro. Aproveitamos a agenda da Mostra de Teatro Semestral da universidade para propor essa experimentação. Os espectadores em formato de arena acompanhavam o aquecimento do elenco, os acordos na escolha das cenas, a composição da maquiagem e a surpresa pensada “com intuito de potencializar o ato criativo do espectador na percepção e elaboração dos signo cênicos que irá encontrar” (Desgranges, 2006, p. 171), em ter a diretora do grupo presente fazendo os ajustes necessários como retoque na maquiagem, nos figurinos, reorganização dos espaços, chamando a atenção dos atores e interrompendo o ensaio, sempre que necessário.

Assim, conseguiriam esmiuçar a construção cênica, entendê-la enquanto processo mostrado em fragmentos, um jogo de palavras que permite ao leitor assumir a sua participação autoral para mudar valores e significados presentes nas cenas.

O desconforto do texto do gênero Teatro do Absurdo, , provocou nos espectadores/leitores uma relação produtiva com a escrita teatral, pois queriam dar novos rumos ao texto, personalizando-o para uma atividade pedagógica na escola, em andamento nesse momento da escrita.

“é muito atual o texto, no início achei confuso, mas sabendo que ela morre de tanto maltrato, consegui organizar a história”, “ao mesmo tempo em que Lis sofre ela alimenta esse amor doentio do Fando”, “eu não sei quem é mais perturbado, mas ela fica em desvantagem, mulher e parálitica”, “será se o autor se inspirou em casos da época”, “as palavras são mais presentes que os gestos como nos outros espetáculos assistidos”, “o papel do diretor, da diretora como é o caso de vocês, é muito trabalhoso”, “como foi pensado o figurino dos personagens?”

A diretora detalhou o todo instigado pelos espectadores, a escolha do texto, os cortes na dramaturgia original, os estudos do figurino mostrando as etapas em croquis, as dificuldades e a relevância das escolhas da graduação em licenciatura e confessou estar muito feliz em poder compartilhar essas experiências com estudantes da educação básica, pois logo estariam assumindo a docência e fortalecendo esses laços, já iniciados

pelo projeto de formação do espectador com as produções teatrais do curso de Teatro.

Posfácio

Um convite feito no momento conclusivo dessa etapa nos sacudiu para outras possibilidades e ampliação da proposta extensionista, o de acompanhar e orientar experimentos teatrais na última escola trabalhada, pois havíamos aguçado os interesses nessas participações ou atuações. Os sujeitos da pesquisa agora queriam vez e voz, analisar e experimentar, sentir o texto teatral em ação, colocar-se no lugar do outro há pouco observado e assumir o papel de espectador como queria Augusto Boal, um dos precursores nas iniciativas de investimentos do espectador na obra teatral. Assim, com essas práticas, despertamos e incentivamos esse outro que compõe a obra, a efetivamente, assumir o seu lugar no evento teatral.

2017 - Leitura poética além do muro escolar: experimentos cênicos no ensino médio

Eixos pedagógicos

- ❖ Leitores de espetáculos teatrais não se contentam mais em observar e dialogar com as estéticas, signos e valores como em outrora, conquistaram espaço no palco, querem interpretar, sentir o teatro, um paradoxo de ideias que requer constante alteração no que está sendo investigado
- ❖ A investigação antecipa a prática/teórica da leitura de espetáculo
- ❖ Ruptura do lugar de ensimesmado, das fronteiras entre o ser e o espectador
- ❖ Linguagem não verbal geradora de atitude e significação, como varrer o chão em postura de pertencimento, respeitando os espaços ocupados pelos outros
- ❖ Sentir com a língua os sabores da rua como reconhecimento e valorização dos passos marcados, das identidades dos sujeitos pessoas, animais, que por ali passam
- ❖ A possibilidade de inversão de papéis e ordem das cenas, de improvisar os fatos contemplados no texto, mergulhados no entendimento pessoal, crítico e social do coletivo
- ❖ Uma transição visível para a leitura horizontal
- ❖ Evitar o equívoco histórico dos “pacotes zipados” das propostas educacionais que desconsideram o outro como parte integrante do processo de ensinagem e aprendizagem nos contextos artísticos e pedagógicos
- ❖ Mudar rumos e criar com eles, e não para eles, metodologias diferenciadas para o processo de formação de um leitor de uma obra artística

Espectáculos: Se essa rua fosse minha - Companhia Baio de Dois, cenas adaptadas de Romeu e Julieta – Montagem Cênica de Estudantes/espectadore/as.
Escola Estadual: Brasileiro Pedro Silvestre
Espaços Culturais: Pça São Sebastião, Teatro Gebes Medeiros
Autores: Paulo Freire. Desgranges. Meyerhold. Rancière. Pavis.

Prefácio

Apresenta como intenções possibilitar as leituras dos diversos textos da arte Teatral, visual, gestual, corporal, sonoro, musical e suas relações com a recepção e mediação no contexto escolar, construindo discursos críticos sobre signos, valores e significados das obras teatrais visitadas, experienciadas. Aqui esses leitores de espetáculos teatrais não se contentam mais em observar e dialogar estéticas, signos e valores como em outrora, conquistaram o seu espaço no palco, querem interpretar, sentir a essência artística do teatro sob mediação dos organizadores, um paradoxo de ideias que requer constante alteração no que está sendo investigado.

Os estudos sobre formação do espectador de teatro, recepção e mediação no Amazonas são recentes e requerem um detalhamento de suas ações e relações, prática e teórica, assim o projeto assumiu outras características, ressignificou-se em suas experiências em cinco escolas iniciadas, e almeja a formação do leitor de espetáculos teatrais que não se contenta mais em observar e dialogar estéticas, valores, intenções, conquistou o seu espaço no palco, quer interpretar, sentir a essência artística do teatro com a mediação dos organizadores, um paradoxo de ideias que requer constantes alterações no que está sendo investigado.

Enfim, uma investigação antecipa a prática/teórica da leitura de uma obra teatral, dentro e fora dos espaços escolares, como a análise da proposta curricular de arte adotada pela instituição, levantamento das experiências com os conteúdos de teatro e as atividades extraescolares, e, sequencia ao término do projeto, em cada escola, com descobertas de outros saberes na graduação em teatro, em forma de trabalho de conclusão de curso – TCC, de iniciação científica e tecnológica – ICT e de projetos de estágio supervisionado. Traz, portanto, contribuições relevantes ao curso de licenciatura, apontando caminhos para que a relação com o ensino básico seja uma permuta de saberes e fazeres da arte teatral e, não um usufruto desse segmento como cobaias de tantos projetos e experimentações oriundos da graduação.

As experiências relevantes do teatro na educação amazonense como os festivais de teatro estudantil na minha época integrante do grupo Jurupari emolduram a dinâmica do meu trabalho hoje no teatro, seja no ensino, na pesquisa ou na extensão, elas perpassam o fazer pedagógico e artístico desse projeto de leitura da obra teatral, comprimindo, principalmente, a distância que separa os conhecimentos adquiridos na comunidade científica daqueles que foram conquistados pelos grupos de teatro, pelas escolas e tantos setores da sociedade

que buscam na linguagem teatral leituras e diálogos críticos e autônomos dos sujeitos sociais e políticos.

Recentemente, o curso de teatro da UEA incluiu em sua matriz curricular, o componente Pedagogia do Espectador, uma conquista dos discentes e docentes e do teatro que insere na mesma proporção de valores o espectador/leitor, aquele que compõe, com os demais elementos do teatro, a obra artística.

Escola: Brasileiro Pedro Silvestre

Espectáculo: Se essa rua fosse minha do grupo Baião de dois

O contato inicial com os discentes de ensino médio se dá por um bate papo sobre o projeto, uma sondagem sobre as relações dos discentes com a arte, os conteúdos de teatro estudados na educação básica e as experiências com as atividades extraescolares. Com essas informações, a equipe do projeto procura arduamente pelo espetáculo que tenha relações com as demandas do coletivo, uma produção interna do curso de teatro e/ou externa, do circuito artístico da cidade, que possa reverberar em uma ação conjunta que aproxime cenas e espectadores/leitores em um grande acontecimento teatral.

Resolvida essa tensão, partimos para a logística dos lanches, a escrita da autorização de saída dos discentes da escola e o pedido, protocolizado no setor responsável pelo espaço público, no caso dessa experiência, a Secretaria do Estado de Cultura – SEC, para a liberação da Pça São Sebastião, que fica no entorno da escola.

Destacamos que essas ações formativas, descritas nesse relato, acontecem durante um semestre letivo, tendo o cuidado de não sufocar o tempo do componente arte, escalando uma semana de atividades e a outra de estudos e organização do projeto, totalizando sete encontros na escola no horário duplicado da docente de arte e duas saídas para as leituras de espetáculos.

Neste contexto, que envolve tempo, proposta e espaço, conciliamos o fazer artístico e pedagógico na escola e fora dela, considerando que a maioria dessa turma de ensino médio nunca assistiu a um espetáculo teatral e/ou participou de atividades relacionadas a essa arte na sua comunidade, na escola ou em outro

ambiente social. Aproveitamos a oportunidade de ter uma aula de arte no ambiente externo para agregar outros olhares aos espaços no entorno da escola, uma leitura que antecede o espetáculo, que aguça curiosidades enquanto caminham pela rua que dá acesso à praça, muitos questionamentos e euforias, justificados pela ausência desse tipo de atividade na proposta escolar.

No início do séc. XX Meyerhold alerta que o teatro deve “deixar à imaginação do espectador a liberdade de completar o que não foi dito” (Guinsburg, 2001, p. 59). Os gestos e onomatopeias da única personagem abriam espaços para que o leitor assumisse coautoria, sequenciasse as ações propostas de um modo muito particular, pois estávamos em uma praça pública discutindo a complexidade de quem vive em situação de rua, uma realidade muito óbvia para quem estava pisando no território trabalhado na trama, a casa da personagem.

Era a realidade mostrada para quem nem sempre quer ver! O teatro possibilita esse diálogo direto, proporcionando leituras que convidavam “o espectador a um envolvimento com todos os sentidos, que o abarcasse por inteiro: do intelecto às vísceras”. Desgranges (2006, p. 56) acerca das conquistas do papel do espectador no evento cênico.

A personagem nos provocou, leitores discentes, transeuntes, turistas, artistas que por ali passavam e/ou trabalhavam, estranhezas, ruptura do lugar de ensimesmado, das fronteiras entre o ser e o espectral uma ação, linguagem não verbal geradora de atitude e significação, como varrer o chão em postura de pertencimento, respeitando os espaços ocupados pelos outros, provar com a língua os sabores da rua como reconhecimento e valorização dos passos marcados, das identidades dos sujeitos pessoas, animais, que por ali passam, intensificando o que Meyerhold preconizava, o ator deve “sugerir e configurar os movimentos que permitem o mergulho do espectador na intimidade do drama” (Meyerhold in Guinsburg, 2001, p. 59).

Nesse sentido, Rancière faz uma analogia pertinente das posturas de emancipação de um espectador com a lógica da transmissão fiel e direta de um pedagogo embrutecedor: O artista, ao contrário, não quer instruir o espectador. Hoje ele se defende de usar a cena para impor uma lição ou transmitir uma

mensagem. Quer apenas produzir uma forma de consciência, uma intensidade de sentimento, uma energia para a ação (Rancière, 2012, p. 18).

Imagem 12 – Estudantes Leitores/as no Largo São Sebastião lendo a organização do espaço pela atriz

A proposta sequencial foi modificada pelos resultados da roda de conversa na escola sobre a primeira atividade externa. Partiu dos discentes a vontade de experimentar o teatro dentro do teatro, uma leitura tátil, sentindo na pele cada parte que compõe a unidade cênica. O desafio foi acatado pela equipe e a docente de arte.

Uma mudança de função nas relações do espectador/leitor com a obra teatral, se aproximando da intencionalidade pedagógica da Peça Didática, Lehrstück, de Bertolt Brecht, (Koudela, 2010). Uma construção coletiva, sem a necessidade de público e de um produto final para celebrar o acontecimento cênico. O modelo de ação, o texto, que compõe esse gênero teatral foi escolhido pelos discentes, a partir do conteúdo de arte que estavam

Espectáculo: Adaptação da dramaturgia Romeu e Julieta escrita, ensaiada e apresentada pela turma participante do LET

Os grupos foram organizados para os estudos dos elementos cênicos maquiagem, cenário, sonoplastia, interpretação, direção e apoio, tarefas mediadoras na compreensão de uma obra teatral, estimulando discentes e docente na apropriação desses saberes. Foram dias de trocas e sugestões, viabilizados pelos recursos tecnológicos e orientados pela docente de arte, pelo bolsista extensionista e pela coordenadora do projeto, aqui narradora dos acontecimentos.

Conseguimos historicizar a participação dos discentes em um espaço artístico público, no Teatro Gebes Medeiros, cedido pela SEC, para que protagonizassem as ações individuais planejadas no coletivo. O ambiente era acolhedor, um teatro com 140 lugares, camarim amplo, técnico para orientar manuseios dos aparatos tecnológicos do som e iluminação e uma aula dialogada com a responsável sobre a gênese do espaço, suas memórias, significados e uso na contemporaneidade.

Animados com o resultado e conquista de ter o teatro por uma tarde para as suas investigações cênicas, o grupo explorou os espaços da plateia, palco,

camarim, banheiros mediados pela equipe e um pesquisador voluntário da temática de formação do espectador de teatro. Os discentes se observam enquanto agem, são agora os espect-atores (Boal, 2008).

Uma roda de conversa no palco sobre as tarefas da semana, apresentação dos adereços coletados para as cenas, músicas pesquisadas, maquiagem, cenário, marcações desenhadas pela equipe de direção e o pronto atendimento da equipe de apoio para as experimentações do dia.

Aquecimento dirigido, reconhecimento do palco e começam as atividades detalhadas como grandes artesãos do acontecimento cênico. Ocupam todo o palco para a leitura dos fragmentos do texto dramático, inicialmente horizontal, mantendo-se na forma usual do texto linguístico, fiéis às indicações do autor, dramaturgo. Não demora muito para revelar-se insuficiente diante da plasticidade das cenas escolhidas e dos adereços coletados e pedem orientação sobre a possibilidade de inversão de papéis e ordem das cenas, de improvisar os fatos contemplados no texto, mergulhados no entendimento pessoal, crítico e social do coletivo.

Uma transição visível para a leitura vertical, que de acordo com Pavis, “[...] a leitura horizontal será apropriada a facilitar a identificação, a abdicação do juízo crítico; em contrapartida, a leitura vertical mantém todos os “sentidos” em alerta [...]”, (2008, p. 228).

Experimentaram cenas intercaladas, exageravam nos adereços que possibilitavam outras rubricas no texto, estavam em alerta, conforme Pavis. Eufóricos, trocavam os lugares demarcados na primeira leitura e, conforme reação – dos jogadores, mudavam destinos relendo essa história como possibilidade de aproximação do teatro com as relações humanas, interpessoais.

POSFÁCIO

O projeto continua em andamento, percorrendo outros caminhos, escolas, formas, conteúdos, espaços, tempo, solidificando-se nas experiências e nos acessos a esses sujeitos, que hoje chamamos de leitores nos campos investigativos do teatro. Os desafios que surgiram no decorrer dessa etapa do projeto de extensão, nos ensinaram a ter escutas e olhares mais sensíveis, evitando o equívoco histórico dos “pacotes zipados” das propostas educacionais que desconsideram o outro como parte integrante do processo de ensinagem e aprendizagem nos contextos

artísticos e pedagógicos. Essa menina disse NÃO ao modelo apresentado na proposta!

“Nós queremos FAZER o teatro e não assistir”. Em vista disso, mudamos rumos e criamos com eles, e não para eles, metodologias diferenciadas para o processo de formação de um leitor de uma obra artística, a serem contempladas em outras etapas desse projeto de extensão.

2018 - Investimentos nos leitores de espetáculos teatrais: ações extensionistas nos espaços escolares

Eixos pedagógicos

- ❖ Mais propriedade dos códigos e significações dos espetáculos assistidos dentro e fora o espaço escolar
- ❖ Almejar uma atitude de superação das limitações cotidianas do/a leitor /a
- ❖ Investir na participação coletiva, nos valores dominantes, nas convenções dos códigos para se chegar ao efeito particular, a contribuição individual do coletivo escolar, o/a leitor/a autônomo que provoca rupturas no texto e efeitos em si próprio e na obra lida
- ❖ Levar os conhecimentos adquiridos na academia para serem experimentados, compartilhados e modificados pela comunidade, agregando outros conceitos e significados
- ❖ Devolver para a universidade as demandas e olhares diferenciados que ajudem a compor novos currículos de formação que atendam às necessidades sociais
- ❖ Entrar em cena, mudar a escrita e preencher os vazios do texto, decifrando com protagonismo alguns códigos da experiência estética vivenciada, ou seja, reler e aumentar possibilidades de interpretação do lido
- ❖ Outros valores artísticos e estéticos, outras descobertas que fazem dessa experiência um ganho imensurável de competências para folhear os sentidos das leituras de uma obra teatral.

Espectáculos: Clássicos Encantados - Cia. de Teatro Apareceu a Margarida, O Mendigo e o Cão Morto – Montagem Cênica UEA

Escola Estadual Integral: Antônio Telles de Souza

Espaços Culturais: Área aberta da escola, Quadra esportiva do bairro

Autores: Jouve. Ryngaert

Prefácio

Apresento um panorama artístico e pedagógico das experiências de um semestre de ações formativas em uma escola pública de Ensino Fundamental I de Tempo Integral de natureza participante, dialógica, apoiado na pesquisa-ação. Almeja uma atitude de superação das limitações cotidianas do leitor, investindo na participação coletiva, nos valores dominantes, nas convenções dos códigos para se chegar ao efeito particular, a contribuição individual

do coletivo escolar, o leitor autônomo que provoca rupturas no texto e efeitos em si próprio e na obra lida.

Na proposta, os estudantes não são meros apreciadores de espetáculos teatrais, eles são estimulados a refletir, entender e avaliar as vivências teatrais que ocorrem dentro e fora do contexto escolar, aprimorando dessa forma o seu diálogo com as obras, as diversas leituras que surgem dessas relações e, automaticamente, as suas escolhas e preferências artísticas.

Escola: Antônio Telles de Souza

Alçamos voos diferentes, ao firmamos parceria com a escola de Ensino Fundamental II de Tempo Integral 6º ano 2. Tudo era estranho e curioso para eles inicialmente, em especial a ideia de ler, decodificar, experimentar para compreender um espetáculo teatral.

O desafio foi conciliar as propostas iniciais do projeto, as estéticas até então trabalhadas com os anseios dos estudantes de vivenciar o teatro dentro do próprio teatro, desejos compartilhados durante a primeira visita de apresentação da proposta. Assim, por meio de questionários, sondamos os perfis artísticos, culturais e pedagógicos da turma.

Ações extensionistas como essa, contada aqui, acabam por fazer o papel de supervisor da sua área, de sacudir esses profissionais para a importância de ser habilitado, de conhecer e dominar a área de atuação na educação básica, tema para ser debatido em outro momento de reflexão. A escola era pequena e comportava apenas o Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano. A distribuição do tempo e a permanência dos estudantes na escola das 7h00 às 16h00, por ser de tempo integral, possibilitaram flexibilidade nas ações formativas, um dos obstáculos nas instituições participantes anteriores, adequar o horário das aulas do professor de arte às especificidades do projeto.

Espectáculo: Clássicos Encantados da Cia. de Teatro Apareceu a Margarida

Aconteceu no interior da escola em uma área comum, aberta a todos. Uma manhã que já iniciou agitada com a nossa chegada para organizar desde o armazenamento dos lanches, a recepção do grupo de teatro, o detalhamento de cada etapa até a finalização com a roda de conversas. O apoio da Secretaria de Estado da Cultura ao projeto atrai sempre os olhares da mídia, entra para a agenda cultural da cidade e logo somos avisados que uma equipe de reportagem faria cobertura de parte do evento, deixando o administrativo e os estudantes mais eufóricos.

Os artistas chegaram e se instalaram na sala de informática, um espaço agendado por possibilitar manejos das cadeiras e mesas para abrigar os elementos cênicos e os estudantes da turma participante. O espetáculo escolhido pelo projeto e contratado pela SEC foi Clássicos Encantados, da Cia. de Teatro Apareceu a Margarida, três atores que se revezam em mais de 10 personagens para apresentar histórias adaptados do imaginário infantil como O Médico, A Gata Borracheira e o Chapeuzinho Vermelho, uma aula de iniciação teatral, a céu aberto, pensada para ajudar a decifrar os códigos da obra, as suas convenções, como a montagem do cenário, passagem de som, ensaio de cenas e ajustes finais.

Os estudantes acompanharam de perto, uns em silêncio, outros tocando e perguntando sobre qualquer objeto, situação, em momentos fotografaram e em outros anotaram em seus cadernos curiosidades do que viram. O clima foi de muita descontração e atraiu a atenção dos funcionários da escola e de alguns pais que estavam de passagem, mas que resolveram permanecer até a apresentação do espetáculo.

As perguntas não cessaram e o grau de complexidade aumentava, o investimento agora era na composição dos personagens, nas maquiagens, nos figurinos e adereços, no aquecimento de voz, na passagem de texto, acompanhados de explicações detalhadas de conceitos, exemplos e do lanche preparado para esse momento de convivência .

O teatro é descortinado, a história do grupo e do espetáculo era contada pelos atores enquanto se preparavam, os estudantes experimentavam as maquiagens, sentiam o tecido, a textura dos figurinos, das perucas, queriam saber quem costurava as roupas do espetáculo, como aprenderam fazer as maquiagens, quem escrevia o texto, local que ensaiavam, quem dirigia o espetáculo, estavam se projetando na proposta, fazendo a primeira leitura dos símbolos e imagens, uma descoberta de sua alteridade como bem define Jouve em sua obra *A leitura* (2002).

Todos prontos, parte das perguntas respondidas, curiosidades sanadas, nos dirigimos ao local de apresentação que já estava lotado com cadeiras retiradas das salas de aula e um público misto, incluindo alguns membros da comunidade, funcionários, equipe administrativa, professores e estudantes do ensino fundamental II.

Existe um momento que antecede a apresentação artística, a fala da coordenação do projeto, os agradecimentos aos participantes e colaboradores e o destaque ao foco do projeto, a convivência e a aproximação da educação básica com a graduação em teatro, do ensino, da pesquisa e da extensão, para resultarmos em leituras dialógicas, críticas e

autônomas dos estudantes acerca das propostas Teatrais apresentadas no decorrer do semestre.

A novidade nessa edição do projeto foi a interatividade dos leitores de espetáculos, dessa vez entraram em cena, mudaram a escrita e preencheram os vazios do texto, decifrando com protagonismo alguns códigos da experiência estética vivenciada, ou seja, releeram e aumentaram possibilidades de interpretação do lido.

Aqui foi necessário um esforço pessoal, que organizasse “as imagens persistentes impostas pela concepção dominante do teatro e que ouse recorrer a um imaginário não convencional” (Ryngaert, 2013, p. 31). Era a conquista do lugar do leitor no texto teatral, a sua recepção estética se concretizando.

Retornamos para sala de informática no intuito de dar sequenciar à formação, fazermos outras leituras como a desconstrução dos personagens, as curiosidades sobre o processo de criação, de concepção do espetáculo e estariam relendo o que assistiram a partir dos diálogos, das fragmentações dos textos que culminaria na roda de conversas sobre tudo que foi visto, sentido, experimentado naquela manhã. A equipe de televisão que mencionamos anteriormente encerra as atividades fazendo entrevistas com os estudantes, a professora de arte, os atores e a coordenadora do projeto.

Imagem 14 – Espectadore/as Leitore/as da Escola Antônio Telles de Souza

Espectáculo: O Mendigo e o Cão Morto, de Bertolt Brecht

Uma estética teatral diferenciada da primeira, concebida pelos egressos de licenciatura e do bacharelado em teatro para os espaços públicos, as ruas da cidade de Manaus. Solicitamos anteriormente da escola autorização para o uso de uma quadra coberta existente na comunidade ao lado da escola, pois não havíamos encontrado espaços abertos ou alternativas na redondeza, devido ser um bairro com ruas apertadas e com muito movimento de veículos. A quadra pertencia ao bairro, era de uso comum quando agendada e solicitada, priorizando as demandas da referida escola.

O dia chegou e fomos conferir a limpeza do espaço, pois os espectadores sentariam no chão durante a apresentação. No entanto, fomos surpreendidos por um grupo

de moradores que estava confeccionando as suas pipas, passando cerol³⁰ nas linhas traspassadas pela quadra. Esclarecemos que havia um agendamento do espaço para aquela tarde, era um projeto adotado pela escola com um quantitativo de estudantes grande que ocuparia boa parte do espaço da quadra.

No decorrer da convivência dos estudantes com o grupo de teatro na sala de informática, a negociação do uso do espaço da quadra ficava tenso, pois os moradores permaneciam com o mesmo ritmo de produção do cortante proibido e perigoso para a ocasião. Na sequência da tarde, uma equipe da empresa de luz da cidade, talvez a pedido da SEC, estava fazendo a manutenção do local, a troca de lâmpadas sobre enormes andaimes que mais uma vez ameaçava a segurança de todos. Era desesperador não conseguir manter as ações planejadas com tanta antecedência. Enquanto isso, atores e estudantes conversavam sobre o espetáculo e se preparavam para a saída da escola em cortejo.

A trama desse espetáculo remetia às problemáticas políticas e sociais da atualidade, um duelo entre a pobreza e a riqueza, um fogo cruzado entre o poder e a opressão, nada ali remetia à ficção e pressionava os estudantes às leituras rápidas diante dos espantos ocasionados pela originalidade dos personagens e do texto.

Antes, durante e depois do espetáculo os estudantes acompanharam tudo de perto, tocavam nos figurinos, nos instrumentos de som, ajudavam na organização e distribuição do lanche e dialogavam com os artistas sobre as fruições estéticas do projeto, apontando as mudanças observadas, afirmaram que: “era difícil fazer o tipo de história contada naquele dia, viver um mendigo cego, o figurino era pesado, precisava de mais ensaios que na experiência anterior. Nós ficamos emocionados, ficamos também com raiva, com tristeza e queríamos mudar a história com mais alegria”. Reflexões que coadunam com as concepções de leitura de Vincent Jouve, transportadas aqui

Os leitores estavam íntimos de parte dos códigos e signos da linguagem cênica, mas perceberam logo as mudanças entre os espetáculos. Agora o elemento som era provocado pelos atores, o texto era complexo, tinha muita fala sem improvisações e não havia cenário, era mais real, “ [...] de fato a “significação” da obra – definida como passagem do texto para a realidade – que faz da leitura uma experiência concreta” (Jouve, 2002, p. 129)

³⁰ Cerol - Uma massa cortante feita de vidro pilado e cola para passar nas linhas dos papagaios/pipas, com objetivo de cortar e aparar no ar outros papagaios/pipas

Posfácio

A leitura crítica é uma atitude de superação das limitações cotidianas do leitor, para isso investimos inicialmente na participação coletiva, nos valores dominantes, nas convenções dos códigos para se chegar ao efeito particular, a contribuição individual desse coletivo escolar, o leitor autônomo que provoca rupturas no texto e efeitos em si próprio e na obra lida. Outros valores artísticos e estéticos, outras descobertas que fizeram dessa experiência um ganho imensurável de competências para folhear os sentidos das leituras de uma obra teatral.

2021 - Memórias borradas e as resistências às experiências tecnoviviais

Eixos pedagógicos

- ❖ Experimentar as interterritorialidades, quebrar as diferenças para sentir presença e qualidade nas relações virtuais
- ❖ Descobrir novas formas poéticas entre o convívio e o tecnovívio, que decidi chamar de contecnovivências
- ❖ Cada escola uma comunidade a conhecer, envolver-se integralmente como pessoa amazônida nas micropolíticas da educação escolar
- ❖ Investir em metodologias mais atrativas em outros fazeres que permitissem sentir melhor o outro, a outra participante, em tempo online e que libertasse o corpo pelo reforço do uso da Voz!
- ❖ Aproximações e contaminações entre as memórias do convívio e as ações ativas do tecnovívio e não campos de disputas e fragmentações.

Autor: Dubatti

Prefácio

Durante o isolamento social, carreguei comigo uma caixinha, meu apego e salvaguarda de memórias dos acontecimentos teatrais, que antecederam a tragédia pandemial. Em meio a papéis, fotografias, cartas que alimentavam esperanças de dias melhores, alegres, e de ajustes aos desafios sanitários e tecnológicos do chamado “novo normal”, permiti-me experimentar as interterritorialidades, quebrar as diferenças para sentir presença e qualidade nas relações virtuais, descobrir novas formas poéticas entre o convívio e o tecnovívio, que decidi chamar de contecnovivências.

O contínuo processo de investigar a formação de leitores de espetáculos me possibilitou assumir tarefas além das acadêmicas, alargando as experiências para outros territórios. Desde 2013, quando assumi a docência da graduação em teatro, no retorno ao meu estado natal, não sabia como me aproximar para pertencer às comunidades escolares da educação básica, do setor público. O desafio e as incertezas do que surgiria, cada escola uma comunidade a conhecer, envolveram-me integralmente como pessoa amazônida nas micropolíticas da educação escolar, através do projeto de Extensão

“Leitores de espetáculos Teatrais: Forma/Ação, Com/Vivências e Des/Cobertas nos espaços formais e não formais de Manaus”.

Durante o isolamento social carreguei comigo uma caixinha, meu apego e salvaguarda de memórias dos Acontecimentos Teatrais, que antecederam a tragédia pandemial. Experiências de convívios interpessoais, do corpo a corpo construindo situações poéticas, as falas acaloradas diante das complexidades de cada etapa que antecede; acontece e procede as leituras dos espetáculos teatrais, o estar aglomerado durante as expectativas, sem a mínima ideia da falta que no futuro nos faria; os processos conviviais como denomina Jorge Dubatti², as trocas e criações de saberes e as aprendizagens com as comunidades do entorno da universidade, durante o projeto mencionado.

Ao término do ano de 2019, as convivências sociais foram bruscamente interrompidas pelos perigos e danos ocasionados pela Covid-19. Outras relações foram criadas emergencialmente para sobrevivermos ao massacre viral. As escolas e universidades foram fechadas. O mundo se contaminou. Milhões de VIDAS foram perdidas e o medo passou a conviver de perto, aumentando anseios, fragilidades de relacionamentos e a batalha de viver para sobreviver ao caos.

As lembranças tornaram-se as válvulas de escape. Horas remexendo caixas de papelão, que guardavam amontoados de memórias, que remetiam a outros lugares e situações e à vontade incontrolável de lembrar, recordar, manter ativa a memória na intenção de fortalecer o corpo que padecia pela ausência das relações presenciais.

No intuito de amenizar as lacunas das relações virtuais, parte delas descritas aqui, investi em metodologias mais atrativas, outros fazeres que permitissem sentir melhor o outro, a outra participante, em tempo online e que libertasse o corpo pelo reforço do uso da Voz! Cada etapa dos encontros era planejada com intervalos para as conversas, os espaços da Voz como intensidade corpórea indispensável à conectividade! As vozes, que ficariam impressas em nossos arquivos de memórias até o momento do retorno das atividades ao convívio permitido, seriam vozes acompanhadas pelos seus corpos invisibilizados na fase de contaminação social.

Os desafios na fase pandêmica e do distanciamento entre pessoas duplicavam quando chegavam as realidades das escolas da educação básica pública e de suas comunidades: seria impossível juntar uma turma, um grupo de estudantes para sequenciar o projeto de extensão de forma virtual. Faltavam as ferramentas principais da tecnovivência, aparelho celular, notebook, principalmente, internet. O jeito era aguardar.

Não obstante, o esperado aconteceu, o primeiro espetáculo virtual! Eu espectadora em casa, assistindo do meu notebook a artistas interpretando personagens em seus ambientes particulares, agora coletivos e institucionais. O conceito de palco, de lugar sagrado das representações não se sustentava mais. Creio que nem antes da fase de confinamento. Era a tecnologia propondo possibilidades de fazeres que amenizassem as lacunas do quarentenado teatro convivial.

A magia do acontecimento cênico se desintegrava e logo era substituída pelo querer olhar a tela, mudar opções de projeção, conversar através do recurso paralelo de comunicação, o chat, e quebrava o silêncio do/a espectador/a. Estaríamos então tecnoespectando? Fazendo-nos presente na ação cênica pela conectividade virtual? ¿es este teatro?

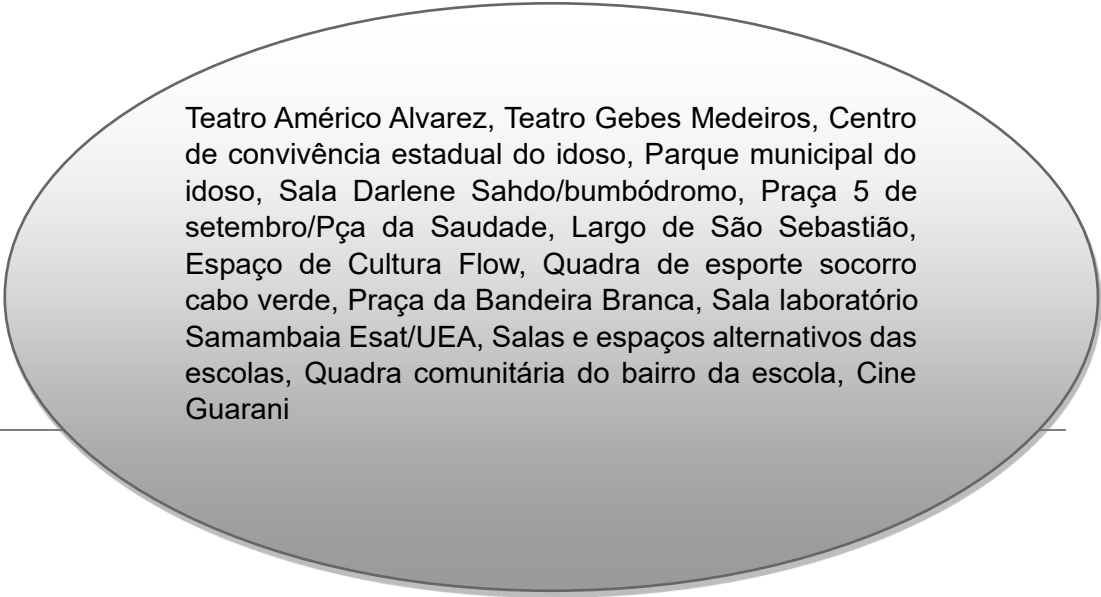
Em buscas de respostas a tantas complexidades, busquei nas leituras e acompanhamento de lives com Jorge Dubatti parâmetros para pensar sobre tempo e espaço, antes e durante a quarentena. A objetividade em que ele caracterizava as relações conviviais versus as tecnoviviais me aguçavam querer experimentar as limiaridades, as interterritorialidades dessas relações, quebrar a frieza das diferenças, sentir presença e qualidade nas relações virtuais, expandir a corporeidade da voz, descobrir formas poéticas de vencer a batalha, utilizando a única arma que restava além dos cuidados com a higiene e o isolamento domiciliar, a arte Teatral possibilitada pelas tecnologias.

As conTECNOvivências, aproximações e contaminações entre as memórias do convívio e as ações ativas do tecnovívio e não campos de disputas e fragmentações. Precisávamos no momento do que melhor servisse às relações sociais. leituras silenciadas do Projeto e as Memórias registradas nas nuvens do universo tecnovivial

Durante os meses em que assisti e li o teatro tecnovivial, busquei com intensidade as memórias conviviais do projeto de extensão no intuito de preservar as suas relevâncias para o retorno aguardado da cultura dos corpos presentes, como conceitua Dubatti, (2020, p. 14) “[...] a la experiencia que se produce en reunión de dos o más personas de cuerpo presente, en presencia física, en la misma territorialidad, en proximidad, a escala humana”.

Registros feitos em etapas para que o nevoeiro pandêmico não embaçasse e ocasionasse borrões nas memórias, na intencionalidade de desestimular as tentativas de retorno às convivências, como proteção às vidas, talvez. Os fios foram puxados com delicadeza para não romper territórios de transição entre as memórias do convivial e as ações do tecnovivial no confinamento com o híbrido ConTECnovivial.

Lugares Culturais - Os Lugares e territórios ocupados pelo projeto foram escolhidos em diálogos com as demandas das comunidades escolares, a partir das experiências dos coletivos com a arte teatral, as atividades extraescolares e a disponibilidade, concessões e cedências pelos órgãos responsáveis pelos espaços solicitados, considerando as alternativas viáveis aos territórios das escolas para caminhadas e cortejos até os espaços das atuações cênicas, fazendo reconhecimentos de valores históricos e bens patrimoniais em seus entornos.



Teatro Américo Alvarez, Teatro Gebes Medeiros, Centro de convivência estadual do idoso, Parque municipal do idoso, Sala Darlene Sahdo/bumbódromo, Praça 5 de setembro/Pça da Saudade, Largo de São Sebastião, Espaço de Cultura Flow, Quadra de esporte socorro cabo verde, Praça da Bandeira Branca, Sala laboratório Samambaia Esat/UEA, Salas e espaços alternativos das escolas, Quadra comunitária do bairro da escola, Cine Guarani

Espetáculos teatrais lidos - As Estéticas Teatrais trabalhadas, lidas, variaram no decorrer dos anos, teatro de animação, teatro de rua, clown, teatro para crianças, teatro musical, produções de companhias profissionais da cidade e de fora, produções independentes, trabalhos de conclusão de curso e montagens de estudantes do curso de teatro, modalidades licenciatura e bacharelado e produções de estudantes das escolas da educação básica parceiras. Alguns espetáculos foram lidos mais de 2 (duas) vezes como *Agreste* e *Se essa rua fosse minha*, pela proximidade das temáticas aos interesses do/as participantes. Nas fases de negociações, conseguimos acordar com o coletivo de artistas idas aos ensaios de cenas previamente escolhidas ou ensaio geral, chegada do coletivo de estudantes leitores antes do espetáculo para participarem do processo de aquecimento dos artistas, ajustes de luz, som, maquiagem com ou sem interferência de quem observava/lia.

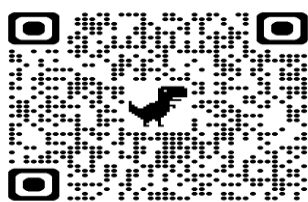
Algumas vezes, optávamos por convivências em tempos maiores antes e depois do espetáculo para as rodas de conversas e outras curiosidades a respeito da singularidades da arte teatral, convites à parte ou total do coletivo de artistas para

conversas no ambiente escolar, sem planejamento total das ações. Eram acompanhamentos cuidadosos das etapas e das necessidades que delas surgiam para que leitores conquistassem seus espaços com autonomia e compreendessem os signos da arte lida.

O Homem, a Pedra e o Rio, Tropeço, A Mala da Arte, Gotas de Chico, Agreste, A valsa nº 6, Balões, Se essa rua fosse minha, Fando e Lis, Romeu e Julieta, Clássicos Encantados O Mendigo e o Cão Morto, Clowntidiano, Flicts: O Musical, Ambrozhyia e o Phantasma da Arte, Tolo, Vida baseadas em Astros, Corpo/sentimento: bombardeio de 1910, Jamais fomos modernos, Sodade, A tempestade: processos, Sinais: S.O.S Vida, Debaixo dos panos, A Lebre e a tartaruga, Eu preciso falar, O homem da cabeça de

As comunidades escolares - A escolha dos territórios para investimento no projeto, inicialmente, foi a da proximidade, o entorno da universidade em que trabalho, escolas que possuíam o segmento do Ensino Médio, normal ou integral, pois seria a última chance de acesso a/os estudantes no componente de Arte. A cartografia de parcerias logo foi ampliada para outros bairros e segmentos da educação básica pública, estadual e municipal da cidade de Manaus.

EE Márcio Nery, EE IEA, EE Padre Francisco, EE Frei Silvio Vagheggi, Colégio amazonense brasileiro, EE D. Pedro II, EE Antônio Telles de Souza, EE Jacimar da Silva Gama, EE Julia Bittencourt, EE Nossa Senhora Aparecida, EM Lucila Freitas, EM Sagrado Coração de Jesus, EE Militar MarcAntônio Vilaça, EM Rural São Judas Tadeu. EM Ribeirinha Dian Kelly



Posfácio

Enquanto as políticas públicas economizavam montantes reservados por direito à educação, sem gastos com energia, água, manutenção, merenda, enxugando gastos e investimentos na contratação de agentes terceirizados e de professores para as unidades, o mínimo e justo seria a distribuição de aparelho celular, notebook, chip com internet de boa qualidade para cada estudante. Na ausência destes recursos emergenciais estudantes foram impossibilitados das experiências tecnoviviais, não tiveram acesso as aulas síncronas pelo google meeet, pelo zoom e/ou plataformas interativas das próprias secretarias de educação, diferente das oportunidades de estudantes das escolas particulares e das universidades públicas e particulares de Manaus. Resta agora a nós sobreviventes da pior chacina humana, que matou pelo negacionismo ao vírus e sua letalidade, pela desconsideração aos saberes das ciências, pela negligência às súplicas de investimentos de qualidade na saúde e na educação pública, acontecimentos de resistências para a reconstrução de sonhos e direitos perdidos.

2022 - O protagonismo das máscaras nas leituras de espetáculos teatrais

Eixos pedagógicos

- ❖ Ausências em espaços e lugares antes habitados, rostos que não queria ver despidos da camada protetora da máscara
- ❖ Nova estranha roupa que cobria parte do rosto e que de forma abrupta foi ganhando formas, traços, texturas e me encorajando a quebrar as amarras da pior experiência da minha vida
- ❖ As armas certas e disponíveis, a arte teatral e a máscara
- ❖ A máscara, de tantas simbologias no campo das interpretações, começou a ditar as regras para irmos além do tecnovívio
- ❖ As máscaras traziam registros pessoais, eram coloridas, com signos que nos contavam como pessoas de culturas e gostos plurais
- ❖ O que os estudantes priorizariam como pedagogias de vida em período trans pandêmico? A arte os conquistaria para sorrir e esperar outra vez?

Espectáculo: Sodade - Panorando Cia e Produtora

Escolas Estadual EJA: Marechal Hermes da Fonseca

Espaço Cultural: Flow

Autore/as: Boal, Desgranges, Dubatti, Lehmann e Santos

Prólogo

Abordo experiências que dialogam com o sentido atribuído por Larrosa, acontecidas no projeto LET durante a flexibilização do isolamento social ocasionado pela pandemia da Covid-19, o tempo e as atividades diárias, em nível pessoal e profissional, passaram a ser estranhas e diferentes, e os pensamentos buscavam estratégias para vencer o descompasso da vida principalmente no estado do Amazonas

Período em que acordávamos, todos os dias, dentro do mesmo pesadelo como quem assiste a um filme de ficção e se perde entre as cenas, e não adianta correr, gritar, desesperar-se, restava apenas sentir a respiração em ritmo acelerado diante da inércia de uma corpa presa em seus medos e tensões.

A máscara, de tantas simbologias no campo das interpretações, começou a ditar as regras para irmos além do tecnovívio, termo adotado pelo pesquisador argentino Jorge Dubatti para os encontros intermediados por tecnologia. Remeto-me às máscaras para falar da continuidade, no início do semestre de 2022, das ações extensionistas nos espaços escolares da cidade de Manaus. As possibilidades para a arte dos encontros, tão aguardados, os espaços que no projeto dão lugar aos acontecimentos cênicos, uma pesquisa participante, contada em sua pluralidade por pessoas que se intercomunicam a partir de textos artísticos e de suas diversas leituras.

Escola: Marechal Hermes da Fonseca

Enquanto eu me apresentava para o grupo de estudantes da Educação de jovens e adultos – EJA, projetava a voz para além das fibras tecidas da máscara, pensava sobre a mesma realidade em contextos diferenciados, como na Grécia antiga, a partir do século V antes de Cristo. As máscaras, como elementos cênicos que contribuíam na ampliação da voz dos atores, técnicas cada vez mais apuradas para que as máscaras, além da estética e da salvaguarda da saúde, pudessem manter e favorecer a potencialidade da sonorização da voz.

Os encontros se deram com duas turmas de estudantes do período noturno com idade entre 17 e 40 anos, sempre de forma filtrada, com a utilização da máscara que nos aproximava como iguais, ajustando-se para certa liberdade de expressão da voz, quando estávamos em diálogos sobre experiências com a linguagem teatral. As projeções de imagens de elementos teatrais, incluindo as máscaras e suas simbologias, despertavam reações curiosas que o(a)s faziam mexer, ajustar, retirar e observar as máscaras e suas pluralidades.

Assim, as máscaras tornaram-se uma espécie de atravessamento desses acontecimentos que permitiam sensações individuais em seu uso bem diferentes das

intenções das máscaras ficcionais do teatro. As expressões eram evidenciadas pelos movimentos dos olhos, das confirmações dos sinais da testa como possibilidades únicas de comunicação e expressão facial. Indagamos como ele(a)s estavam lidando com essa nova realidade, que de certa forma nos identificava como sobreviventes mascarado(a)s.

Na escola estadual em que fomos acolhido(a)s, existiam diferenciais a serem destacados, o espaço físico muito bem cuidado, pinturas conservadas, ambientes interno e externo amplos e arejados, adequados ao convívio em tempos de restrições sociais. A equipe de funcionário(a)s sempre disponíveis e a gestora também, que nos recebia sorridente, empolgada de seus projetos exitosos na escola, dos esforços do coletivo docente para manter as turmas estimuladas e o quanto o projeto que estávamos propondo faria muito bem ao EJA, na fase de retorno às atividades presenciais.

A primeira roda de conversas projetamos imagens de alguns elementos que compõem o Teatro, incluindo as máscaras para contar um pouco da história do teatro até chegar às leituras de espetáculo que estávamos propondo. Não demorou para que vários estudantes comesçassem a mexer em suas Máscaras, sobrepondo ao queixo querendo olhar e ser visto, suponho, para preservar a individualidade, em momento tão ímpar, parar para pensar sobre como aquele(a)s corpo(a)s estavam se sentindo, suprimido(a)s ou representado(a)s pelas máscaras? Agregando e personificando identidades ou ressignificando ou até mesmo perdendo-as?

Alguns estudantes retiraram as suas máscaras, atitude um tanto perigosa para o momento pandêmico, apesar de poucos casos de contaminação na cidade naquele mês, e continuamos os diálogos e buscas de até acordarmos as fases de desenvolvimento do projeto, as sondagens das vivências com a arte teatral, as experimentações de campo – acolhimentos, leituras, reflexões coletiva e autoavaliações.

O desafio de encontrar um espetáculo, um processo cênico que dialogasse com as expectativas do coletivo com o desejo de ter o objeto cênico e agora um hábito social, a máscara, que despertou curiosidade e interesse em experiências teatrais, como um atravessamento da relação do corpo com a máscara. No período, poucas produções disponíveis na cidade de Manaus, no formato presencial, mas não tardou para que soubéssemos de um espaço novo e de grandes expectativas para o retorno presencial do público, o convívio outra vez sonhado, como reforça Dubatti

Espectáculo: Sodade, do Panorando Cia e Produtora

Uma proposta que apresentava as relações humanas, cenas do cotidiano de um grupo de amigos que após a perda de um ente querido, mergulha em suas emoções e lembranças do que se perdera, restando apenas "sodades". Um processo cênico resultante das linguagens da dança e do teatro, priorizando a estética clownesca, era o que precisávamos! Alegrias para enfrentar com menos sofrimentos e dores, as perdas retratadas no espetáculo com muita intensidade.

Morte e vida em cena para que o público pudesse observar, sentir, interagir e compreender tais relações. A máscara estava ali de um modo diferente, simbólico, chamando a nossa atenção para a sua representatividade como elemento de composição das personagens, uma referência ao momento pandêmico e um ensaio para desafogar a voz e libertar a gestualidade.

O preparo para a saída da escola é sempre trabalhoso e requer muitos cuidados, a solicitação de transporte para a universidade, compra e preparo de lanches, organização de documento de autorização para saída da escola, ajustes com o grupo de teatro que nos receberá e os imprevistos que são sempre esperados. Em duas vans, seguimos cortando ruas e avenidas que despertavam no(a)s passageiro(a)s, memórias e lembranças dos lugares em que haviam morado, trabalhado, estudado.

Conversas sobre os perigos e violência na cidade, riram, cantaram e puxaram fios de conversas sobre o espetáculo que iriam assistir/ler, que considero a etapa 1: leituras iniciais, aquelas que ocorrem a partir das informações apresentadas sobre o espetáculo; o espaço, a estética abordada, duração, o grupo de artista, direção e suas histórias. Era a primeira experiência de leitura de um espetáculo teatral da maioria, inclusive a primeira saída da escola em grupo para uma atividade artística e/ou pedagógica.

O espaço Flow é alternativo, aconchegante e familiar, situado em um bairro central da cidade, bem movimentado e com muitas opções artísticas e gastronômicas, incluindo um parque municipal. Na chegada ao espaço, as câmeras dos celulares não pararam de registrar cada parte, capítulo desse grande livro a ser escrito enquanto se lê. Voltando à máscara, ela estava presente durante o percurso, no transporte, mas no teatro não era obrigatório seu uso e parte do(a)s leitore(a)s começaram a retirá-la. A apresentação era para o nosso coletivo com pouquíssimo(a)s convidado(a)s.

Como combinado, o diretor do espetáculo e egresso do curso de Teatro, Fábio Moura, apresentou o espaço, falou da trajetória do grupo e da proposta do espetáculo Sodade, convidando todo(a)s à celebração da vida no palco e da oportunidade tão aguardada de expectar uma obra artística em tempo real, presente, coletivamente. Agora,

eu deveria relaxar da tensão de organizadora, pois já tínhamos a garantia do acesso, como mediadora, aguardaria as demandas e necessidades do coletivo. Estavam bem à vontade e tinham autonomia para fazerem as suas próprias leituras.

Os sentidos e significados eram autorais, a partir dos elementos ali apresentados e representados, das relações com a proposta, com o(a)s artistas, com o espaço. Os primeiros minutos do espetáculo foram tensos porque não havia avisado para ele(a)s da ausência do uso da “fala” convencional. Eram sons, gestos, movimentos e intensidade poética focada no(a)s corpo(a)s, que rompiam com o textocentrismo e a linearidade dos códigos esperados nas cenas, relatados pelas leitoras do espetáculo.

[...] não tinha fala, mas eu sabia o que estavam dizendo, era muito forte o que mostravam, sorrindo ou chorando era uma história que estavam contando. (Leitora do espetáculo, 2022)

Que susto, levei uns minutos para entender e fiquei com medo de ser chato, mas deu certo e entendi, eu acho. (Leitora do espetáculo, 2022).

Eu gostei, vocês tão dizendo que não tinha voz e por isso era estranho ... eu escutava alguma coisa sim ou não? (Leitora do espetáculo, 2022)

[...] acho que foi normal, não precisavam falar assim. (Leitora do espetáculo, 2022)

As cenas eram poetizadas com leveza, diversão e afetividade. Uma leitura prazerosa em sua primeira versão para em momentos de distanciamentos refletir o quão críticas eram as cenas performatizadas, o riso exagerado da dor de quem não compreende a perda como um ato de vida. As máscaras, ou melhor rastros delas, apresentadas pela pintura, parecem ser sem ser, uma proposta estética que sacudiu mais uma vez a(o)s leitore(a)s,

Eles foram bem espertos, uma pintura não atrapalha tanto, é por causa da pandemia ou aquilo professora que você falou da roupa do personagem? (Leitor do espetáculo, 2022)

Eu juro que vi o nariz de palhaço e não uma maquiagem, por que é assim que lembro do palhaço, engraçado né, isso? (Leitora do espetáculo, 2022)

O espaço cênico era convidativo, não havia separação entre palco e leitore/as, apenas uma linha imaginária que logo foi rompida pelo/as artistas que borraram os territórios em uma das cenas onde o encontro se dera entre pessoas, corpos físicos em transe poético, tanto do/as artistas quanto do/as e leitore/as.

“o espectador já não delega poderes aos personagens nem para que pensem nem para que atuem em seu lugar: O espectador se libera: pensa e age por si mesmo! Teatro é ação!” (Boal, 1977, p. 169). O lugar conquistado pelo(a) leitor(a) na ação teatral deve ser respeitado e estimulado nessas mediações. Garantir essas falas durante o espetáculo foi uma atitude generosa do coletivo de artistas do espetáculo Sodade.

Achava que era o final da peça, pensei... poxa já acabou? (Leitora do espetáculo, 2022)

Legal que foi doces, sucos de verdade, aproveitei para tocar neles, com medo de darem bronca (rs)? (Leitor do espetáculo, 2022)

Ficamos dentro do espetáculo? Fiquei confusa.. (Leitora do espetáculo, 2022)

Na verdade eram muitas histórias que estavam contando. (Leitora do espetáculo, 2022)

Eu não vou nunca esquecer desse dia, que pena que alguns colegas faltaram (Leitora do espetáculo, 2022)

Há um lugar da liberdade, da autonomia valorizada na proposta. Leitores/as, participantes, além do espaço da cadeira na plateia, entraram no jogo e se divertiram com o(a)s artistas, provocando-(a)s a falarem também até o momento em que do coletivo de leitores/as ecoou um: "- Psiu!", em sinal de alerta para que voltassem aos lugares reservados para as leituras das cenas que continuaram embaladas por um repertório musical que nos remetiam a fragmentos das culturas nordestinas. Fizemos viagens por lugares e não-lugares das memórias e ideias que se teciam entre personagens circenses e nós leitores/as curioso(a)s por folhear mais capítulos dessa dramaturgia contemporânea tão inusitada.

O espetáculo durou em torno de quarenta minutos e esse lugar de encontros abriu-se para uma grande roda de conversas. O/as leitores/as, na ação, apresentavam atitude de fazer leituras poéticas enquanto se liam como pessoas que também atuavam na vida, enquanto expectavam, colocavam-se dentro do processo e conseguiam propor, organizar cenas a partir das suas experiências. Momento inicial dos diálogos, etapa 2, em que são convidado/as após o espetáculo, às leituras da obra.

Retorno ao meu papel de mediadora, de proporcionar espaços de encontros e diálogos entre experiências, quem atua com quem especta/ler, enaltecendo os saberes existentes, almejando que elaborem outros sentidos e significados á obra e ao

acontecimento: Vamos conversar sobre o que sentimos e percebemos nas cenas mostradas no espetáculo Sodade.

Estavam meio tímido(a)s ao chamado, o espetáculo havia acabado e agora o(a)s artistas estavam sem seus personagens, muito mais próximos, cansado(a)s, suado(a)s, no entanto acessíveis às dúvidas e curiosidades que surgiriam sobre os seus processos artísticos, esperando de nós espectadore/as leitore/as opiniões, retornos de como nos chegava a proposta cênica, o que nos afetara nas cenas apresentadas, os sentidos e incômodos suscitados, como éramos atravessado(a)s, afetado(a)s para além do espaço das representações.

Adorei, que energia vocês têm. Como vocês se preparam?

Todos são dançarinos? (Leitora do espetáculo, 2022)

Eu queria saber como vocês se organizam para ensaiar? Que tempo vocês têm? Todos são artistas do teatro e da dança? (Leitora do espetáculo, 2022)

Quem faz a maquiagem do grupo? Eu achei bem interessante que devido o calor ela foi se desmanchando e vocês continuavam assim mesmo, se fosse na televisão pararia para refazer (Leitora do espetáculo, 2022)

A máscara pintada tem relação com a pandemia? (Leitor do espetáculo, 2022)

Parabéns ao grupo, o trabalho de vocês conversa diretamente com o período em que estamos vivendo, mas de uma forma alegre, as escolhas das músicas, cenário, figurinos, apesar de assimétrico no ritmo, existe uma harmonia que nos contagia (Leitor do espetáculo e professor de arte das turmas, 2022)

O/as artistas nos contaram sobre as suas rotinas de trabalho, como foram se constituindo, enquanto coletivo cênico, dança e teatro, pois a maioria era oriunda da dança urbana; as dificuldades enfrentadas durante a pandemia; a timidez superada em etapas; a concepção geral do espetáculo; a criação individual e coletiva de algumas cenas.... Ficáramos horas nesse diálogo, mas o tempo apertado para o retorno à escola me preocupava. As vans nos aguardavam e com certeza, as leituras e releituras continuariam na etapa 3, diálogos que acontecem no retorno, trajeto à escola e na escola.

Os registros fotográficos, as leituras visuais, foram compartilhados durante a viagem para a escola. Comentavam as cenas e os momentos captados nas fotos, criavam novas dramaturgias, apresentavam outras possibilidades e narrativas para a trama do espetáculo, muitas curiosidades foram relatadas e nem perceberam o percurso que não

foi foco dessa vez. A etapa 4 é de responsabilidade do professor de Arte, que continua parceiro do projeto, incluindo em sua proposta pedagógica caminhos investigativos de leituras de arte seja cênica, musical ou visual.

A autonomia do/a estudante e do/a professor/a nessa empreitada formativa é construída e conquistada pelas experiências pessoais e coletivas ocorridas antes, durante e depois das com/vivências artísticas nas etapas do processo pedagógico: acesso, frequência, diálogos produtivos travados com as obras, decodificações e contextualização histórica, cultural e política. Íntimos desses símbolos e signos, o/a leitor/a, não mais um/a observador/a passivo/a, ampliará sua compreensão e percepção artística e estética, fazendo elações pessoais de gostos, apreciações e julgamentos culturalmente adquiridos nas relações sociais, uma das apostas do projeto de extensão em questão. (Santos, 2021)

Posfácio

Espera-se que, após o término do projeto, o(a) professor(a) sinta-se: “mais seguro de sua participação no processo de apreensão de um espetáculo, de uma obra de arte, possa organizar suas propostas pedagógicas de leitura artística em espaços formais e não-formais, coordenando o processo de forma mais significativa” (SANTOS, 2022). Também, que continue mediando leituras e escritas poéticas dentro e fora do espaço escolar e que torne o seu fazer professoral acontecimentos singulares. E que as leituras silenciosas no início e oral, gritante na fase final, foram conquistadas, atitudes de superação do(a)s leitor(a)s, individual e coletiva. De igual modo outros sentidos e significados foram acrescentados aos repertórios de vida social, política e cultural. O teatro e suas vertentes jamais serão lidos como outrora e agora nos resta aguardar os desdobramentos dessas experiências em campos abertos para além do muro escolar.

2023 - Cruzos entre Pedagogias e Leituras de Espetáculos Teatrais

Eixos pedagógicos

- ❖ Diálogo com as concepções Pedagogias contemporâneas
- ❖ Experiências que beiram os espaços e lugares do ensino de Manaus como currículo oculto
- ❖ Impregnar de saberes das Pedagogias das contradições, das sombras, das imprevisibilidades e complexidades entre sujeitos e identidades
- ❖ A desordem e a dúvida possibilitarão outras arrumações dos saberes escolares trançados pelos saberes da Vida
- ❖ Metodologia autoetnográfica
- ❖ Pedagogias da Situação e Pedagogia dos encontros
- ❖ Processos desafiadores de cruzos de cognição, emoção, pertencimentos, rupturas e diálogos entre vidas, pessoas e seus saberes
- ❖ Flexibilidade, liberta dos padrões acadêmicos, das velhas políticas da Educação
- ❖ Atenções às demandas que surgem nos encontros, a todos os instantes
- ❖ Rompimento das amarras da burocracia da escola e da universidade

Espectáculos: A tempestade: Processos – CIA Apareceu a margarida, Por debaixo dos Panos – GET, Eu preciso falar – Dani e a Fábula e o esopo

Escolas Estadual Militar e Municipal Rural: MarcAntonio e Vilaça São Judas Tadeu

Espaços Culturais: Teatro Américo Alvarez, Espaços abertos da escola rural, Espaço Caua

Autore/as: Barret. Santos. Marchand.

Prólogo

O projeto LET dialoga com as concepções Pedagogias contemporâneas que se tecem nos encontros entre Eu e Tu nas relações do Teatro com a Educação. Experiências que beiram os espaços e lugares do ensino de Manaus como currículo oculto, que pisa descalço no chão da escola para impregná-los de saberes das Pedagogias das contradições, das sombras, das imprevisibilidades e complexidades entre sujeitos e identidades, nas quais a desordem e a dúvida possibilitarão outras arrumações dos saberes escolares trançados pelos saberes da Vida. Aqui em especial, compartilho fragmentos de experiências em duas escolas públicas, uma militar e a outra rural.

Escola: Cívico-Militar MarcAntônio Vilaça

No primeiro encontro com a professora de Arte da Escola administrada pela Polícia Militar do Amazonas, senti-me acuada e receosa quanto a essa nova realidade nos espaços escolares amazonenses, as estruturas rígidas reforçadas pelo lema Disciplina, Honra e Educação. Passos dados para trás, período ressurgente nos anos de gestão do ex-presidente (1999-2022). Era o momento cívico, ritual que antecede as aulas, toda(o)s em posição de “sentido”, em respeito aos símbolos pátrios, sequenciados de muitas orientações e recomendações, em escutas ordenadas pelo silêncio interrompido apenas pelas deixas da comandante militar.

Eu me animei com a rotina escolar em seu estado natural, público civil conversando descontraidamente. O calendário escolar diferia em sua organização das outras escolas, por isso precisávamos agilizar as etapas do projeto, com apenas 1 leitura, os encontros com a coordenação, pedagógica (civil) e administrativa (militar), com estudantes, os repertórios de leituras, espetáculos teatrais em circulação na cidade, a parte logística das visitas, organização das mediações e manutenção dos diálogos constantes com a professora de arte, nossa querida parceira e egressa do curso de Teatro.

As conversas e escutas atentas em sala durante os tempos reservados às aulas de Arte, com a turma definida do primeiro ano do Ensino Médio, jovens que apesar do fardamento identificar as relações militares, estavam sentados em um grande círculo,

agindo livremente durante o encontro, contaram detalhes de suas experiências e produções artísticas na escola e nas comunidades, com professores, familiares e amigos, elogiaram o trabalho da professora atual de Arte, destacando a atividade que estavam desenvolvendo no campo cinematográfico.

Os processos criativos eram comuns na escola e tinham apoio e participação da gestão pedagógica e militar. Os momentos iniciais de estada na escola focaram a estrutura física e pedagógica da escola, as etapas de busca pelo espetáculo teatral e espaço cultural, de organizar a mediação das leituras, contratar ônibus, conseguir autorizações dos gestores da escola e dos responsáveis pelo/as estudantes.

O que parece uma pausa no projeto é uma correria necessária para nós organizadore(a)s, momentos de estudos e investigações dos espetáculos em cartaz na cidade, os processos em andamento nos Grupos de Teatro e as Montagens Cênicas do curso de Teatro da UEA, dividir tarefas, assistir aos espetáculos, solicitar espaços culturais que tenham relações e proximidade com a temática e estética desejadas pela turma e a professora.

Depois, debatemos no coletivo do LET as leituras dos espetáculos assistidos e decidimos coletivamente, incluindo a professora de Arte da escola, o espetáculo provocador das leituras. Apresentamos o Projeto de Extensão LET para o Grupo de Teatro, propusemos e sugerimos algumas ideias até chegarmos aos acordos e aceite pelo coletivo do espetáculo.

Espectáculo: A tempestade: processos da Companhia de Teatro Apareceu a Margarida no Centro de Artes da UFAM – CAUA

O dia chegou! Cedo estávamos na escola para os ajustes finais, conferências do quantitativo de estudantes, o ônibus fretado, os lanches, confirmação com o Grupo de Teatro, euforia mais nossa que do grupo de estudantes que aguardava em sala de aula a liberação para a saída.

Após orientações pontuais dos profissionais militares da escola, dentro do ônibus, partimos em um silêncio assustador e inusitado nesses anos do LET, insisti para que relaxassem, ficassem bem à vontade para curtir a viagem, o espaço cultural, o espetáculo, os artistas, o lanche. Mas continuaram quase que estáticos, nada de cantarolar, gargalhar, só a professora vibrava com a atividade.

A nossa caminhada a pé da descida do ônibus até o CAUA foi mais animada, riram e conversaram. Fomos recebidos pelos artistas e equipe técnica do espetáculo e uma

bolsista do LET que estava responsável pela recepção naquela manhã. A proposta do dia foi acordada em ser bem flexível, algumas cenas do espetáculo seriam apresentadas e desmontadas ao término do ensaio, com participação do(a)s leitore(a)s em alguns momentos das cenas.

Durante a roda de conversa, tivemos a participação do diretor do espetáculo, professor do Curso de Teatro da UEA, a figurinista e os artistas que esmiuçaram parte do processo de construção do espetáculo, deixando o espaço aberto para as falas do(a)s estudantes. A manhã foi curta para tantas curiosidades, relatos de experiências pessoais devido à proximidade entre o lúdico apresentado e as realidades do coletivo.

Em destaque, as técnicas utilizadas no espetáculo, as experiências com a temática, diálogos entre pessoas que fazem e leem Arte constantemente. O retorno para a escola foi contagiante, muitas leituras do espetáculo assistido, curiosidades sobre algumas cenas, proposições de mudanças nas atitudes apresentadas, desejo pela dramaturgia, direção, interrompendo os silêncios recomendados em outrora, tudo normal como deveria ser sempre!

Escola: Municipal Rural São Judas Tadeu

A escola atende somente o Ensino Fundamental II e é pertencente à zona rural, um lugar afastado da cidade, lindo e imerso no verde das árvores frutíferas, um sítio ajustado para a educação escolar. Uma manhã de sondagens do novo território, com direito a um café com professore(a)s e os motoristas dos ônibus, um detalhe bem importante, a escola tem ônibus próprios contratados pela prefeitura para atender às suas necessidades.

Fomos bem recebidos pela turma escolhida pela professora de Arte, também egressa do curso de Teatro, foram muitas perguntas e respostas, gargalhadas, durante e após a apresentação do projeto e sondagens de interesses da turma do oitavo ano. Encurtaram caminhos apresentando a necessidade de uma temática que fizesse ligações com os projetos da escola, voltados aos direitos das crianças e adolescentes, a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.

Os dias de visita na escola eram uma aventura prazerosa, saíamos do fluxo apressado do trânsito da cidade e curtíamos a paisagem diferenciada, em passos lentos a floresta se apresentava, áreas de plantação e cultivo de frutas, lagos e igarapés e as conversas puxadas e cruzadas dentro do carro entre participantes do LET, muitas vezes com a presença da professora de Arte, que aproveitava a nossa carona, uma descoberta interessante para criar intimidades com o todo da escola e suas especificidades.

Foram muitos dias de convivências, encontros de trocas, ajustes, mudanças de datas, nervosismos, porém, com apoio da UEA, da SEC, da SEMED as ações aconteceram com fluência, de todas as escolas participantes, desses dez anos de LET, a São Judas Tadeus foi a escola com mais leituras de espetáculos, pois existiram contrapropostas por parte da escola, gestão e professora de Arte, que nos sacudiram para reorganizar as metodologias do LET.

Espectáculo: Por debaixo dos Panos do Grupo Experimental de Teatro – GET

Abordava temas relacionados à violência infantil, Durante uma manhã tivemos o Teatro Américo Alvarez, hoje pertencente à UEA, todo nosso, estudantes e artistas que ocuparam de forma investigativa cada canto do Teatro e de parte da Escola de Arte e Turismo, a qual faço parte.

Com liberação pela Pró-reitoria de Extensão para utilização do Restaurante Universitário, junto(a)s, estudantes da educação básica, artistas do GET e coletivo do LET, tomamos café e almoçamos desfrutando da companhia de estudantes dos cursos de Artes da ESAT e do(a)s funcionário(a)s do RU.

O/as Espectadore/as Leitore/as ocuparam o palco, sentaram ao redor das cenas apresentadas, situação que marcou todo o processo de se ler dentro do espetáculo, relatado nos momentos da roda de conversas, interrompida somente pelo avançar das horas. Em momentos posteriores de conversas sobre o espetáculo lido e intencional para a sondagem da segunda leitura de espetáculo, agora o teatro ocupando a escola, decidimos coletivamente por uma estética que dialogasse com o projeto de Arte que estavam desenvolvendo, Teatro Lambe-Lambe.

No decorrer dos dias foram surgindo necessidades de outras técnicas: formas animadas, palhaçaria, oficina de confecção de bonecos, maquiagens... e fomos ficando amedrontadas pelas demandas.

Muitas procuras, investigações de possibilidades de espetáculos, mudanças de datas para as leituras, até o dia do aceite das propostas cênicas de Palhaçaria e Contação de Histórias, processos criativos de duas artistas egressas do curso de teatro, artistas autônomas, Dani e Neuriza Figueira, a última atuante no LET. Organizamos as visitas para que as atrizes escolhessem os espaços adequados da escola para as apresentações dos espetáculos e as conversas iniciais sobre as estéticas escolhidas com a turma, a professora e a equipe gestora.

Espetáculos: Preciso falar e Fábula da Lebre e a Tartaruga de duas artistas egressas do curso de teatro, autônomas, Dani de Jesus e Neuriza Figueira.

O que parecia simples virou uma manhã de apresentações artísticas concomitante, dois espetáculos “, em espaços diferenciados da escola, um antecedendo o outro, atendendo todas as turmas do período matutino, duas por vez, a pedido do gestor da escola, ficando a roda de conversas apenas para a turma participante do LET. Uma sobrecarga para o/as organizadore/as e as duas atrizes, porém, gratificante nos resultados que não caberia aqui relatar pela grandeza de detalhes, além do esperado nas leituras.

Posfácio

Os resultados que tivemos pelos investimentos que se teceram em partes complexas de Leituras da Arte Teatral na Educação e da Educação no Teatro, foram portas destravadas nesses espaços, cruzados pela Pedagogia dos encontros, nos quais os conhecimentos escolares foram trançados pelos Saberes Artísticos e Culturais, possibilitando ampliação do LET em novas parcerias que entram nas Matas para aprendizados enraizados na Escola, na Comunidade e nas vidas que ali habitam.

2024 – Leituras Teatrais atravessadas pelos saberes das águas

Em construção....

Espetáculos: Dona Batata do Grupo Pintando o 7 e O Homem da cabeça de papelão do Grupo TEU

Escolas: Escola Municipal Senador Fabio Lucena e Escola Ribeirinha Profa Dian Kelly

Espaços Culturais: Teatro Américo Alvarez e Espaços abertos das escolas parceiras

Autores: As Pedagogias das Confluências dos Encontros do LET: Triangulação de Ana Mae, da Situação de Gisèle Barret, do Espectador de Flávio Desgranges, do Convívio de Jorge Dubatti e das Leituras do Mundo de Paulo Freire

RESULTADOS

O processo formativo do Estágio Pós-Doutoral, ultrapassou as expectativas do Projeto inicial, contemplou os aspectos de natureza pessoal, profissional e artístico. Fazer parte do coletivo do Projeto de Pesquisa Performatividades e Pedagogias, coordenado pela minha supervisora Carminda André, me resgatou em fase Pandêmica, trazendo curas para as minhas anemias epistêmicas e metodológicas, nele consegui me reinventar como professora artista, liberei poesias sufocadas na burocracia do Ensino e desabrochei em ensaios de escritas, iniciando pelas Cartas Pedagógicas.

Depois veio a fase das participações em eventos científicos, as rodas de conversas sobre a temática que me trouxe ao estágio, Mediação Teatral, a convivência e escritas coletivas, publicação de artigos em congressos, em e-books, uma imersão de 4 encontros nas dependências da UNESP SP, de cunho político/pedagógico, ministrados pelo professor Dr. Casé Angatu, e a publicação de um livro como produto processo das nossas ações. Essa produtividade me impulsionou a querer organizar a minha didática professoral e investir mais intencionalmente na prática teórica do projeto de extensão que coordeno no curso de teatro da Universidade do estado do Amazonas e que me trouxe ao Pós-Doutoramento.

Em 12 meses consegui organizar a Cartografia do Projeto de Extensão Leitores de Espetáculos Teatrais LET, dos anos de 2013 a 2023, conforme prometido no Plano de Trabalho: identificar e descrever cinco Pedagogias que confluem nos Encontros extensionistas, organizar os registros: fotografias, textos e anotações dos escritos das ações extensionistas, criar um site que salvguarde esses materiais, criar um Instagram para dialogar com os diversos públicos e dar visibilidades às atividades do Projeto, entrevistar ex-bolsistas para mostrar possíveis atravessamentos das experiências com o LET, cadastrar um Laboratório de Pesquisa da arte do espectador LAPAE.

Enfim, conclui o estágio pós-doutoral satisfeita pela supervisão que tive, em todas as etapas fui bem acolhida, consegui presencialmente participar de quatro encontros/atividades do Grupo de Pesquisa em SP, capital e quinzenalmente participar dos encontros remotos. E agora estou na etapa de conclusão da escrita do relatório para a produção de um livro, parceria UNESP e UEA intitulado PEDAGOGIAS DAS CONFLUÊNCIAS NOS ENCONTROS DE LEITORES COM AS OBRAS TEATRAIS.

REFERENCIAIS

BARBOSA, Ana Mae. Leitura da imagem e contextualização na arte/educação no Brasil. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 9, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte>

Acessado em: 20 de março de 2023

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARRET, G. Arts: Expressions en Pédagogie. Repères, Essais en Éducation. Revue de la Faculté des Sciences de l'Éducation, Université de Montréal. n.07, 1986.

BARRET, G. Pédagogie de la situation em expression dramatique et en éducation. Montréal: Recherche en expression, 1989.

BARRET, G. Les Activités dramatiques em Éducation – Former les formateurs. Montréal: Graduel/Recherche en expression, 1991.

CARVALHO. Rafael. Acontecimento e convívio no ato de espectral [manuscrito]: práticas de trans/formação do espectador teatral. UFOP, 2019. 234f. Dissertação.

https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOP_07459b6f9cdc858a461a8641197c786c

Acessado: 20 maio de 2024

CAVADAS. Leandro, Um olhar sobre o meu perfil na orientação de práticas em Expressão Dramática: Um estudo de Investigação-Ação na Escola Superior de Educação de Viseu – Dissertação. Lisboa 2011 – Mestrado 191f. <https://core.ac.uk/download/pdf/70643584.pdf>

Acessado: 18 de maio de 2024.

DESGRANGES, Flávio. Instâncias da relação entre teatro e público: o espectador como participante do ato teatral. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 3, n. 36, p. 085–095, 2019.

<https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/15771>

Acessado: 20 de maio de 2024

DESGRANGES. Flávio – A pedagogia do espectador – São Paulo: Hucitec, 2003.

DESGRANGES. Flávio. Pedagogia do Teatro: provocação e dialogismo. São Paulo, Hucitec, 2006.

DESGRANGES. Flávio. Mediação Teatral: anotações sobre o Projeto Formação. 2008.

http://www2.eca.usp.br/inerte/sites/default/files/media/paper/urdimento_10_especial.pdf

Acessado: 03 de abril de 2015

DUBATTI. Jorge. La energía de las/los espectadores, mucho más que receptores: sujetos complejos y de derechos, agentes del campo teatral, ciudadanas/os. IECE REVISTA DIGITAL N°11 - JUL 2021

<https://iece-argentina.weebly.com/iece-revista-digital-11.html>

Acessado: janeiro de 2023

DUBATTI. Jorge. Introducción a los Estudios Teatrales. Editorial Livros Godot, Buenos Aires 2012.

<https://formaciondanzacontemporanea.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/05/dubatti-introduccion-a-los-estudios-teatrales-1.pdf>

Acessado: 05 de abril de 2024

DUBATTI, Jorge. Concepciones de teatro: Poéticas teatrales y bases epistemológicas. 1ª ed. Buenos Aires: Colihue, 2009.

DUBATTI, Jorge. Hacia una redefinición teórica de la categoría “espectador” y su aplicación a la historia teatral. Jornadas de Investigación del Instituto de Artes del Espectáculo. 2019.

<https://repositorioubasib.uba.ar/gsdll/cgi-bin/library.cgi?e=d-10000-00---off-0buscat--00-2---0-10-0---0---0direct-10---4-----0-1--10-es-Zz-1---20-about---00-3-1-00-00--4---0-0-01-00-0utfZz-8-00&a=d&c=buscat&cl=CL1.8&d=jiaa-4914 oai oai>

Acessado: fevereiro de 2020

DUBATTI, Jorge. Experiencia teatral, experiencia tecnovivial: ni identidad, ni campeonato, ni superación evolucionista, ni destrucción, ni vínculos simétricos. Rebentos. São Paulo, n. 12, p. 14-32, 2020.

Disponível em <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/503/299>

Acessado: abril de 2021

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989

GUINSBURG, Jacó. Stanislavski, Meierhold & Cia. São Paulo: Perspectiva, 2001.

KOUDELA, Ingrid D. Brecht: Um jogo de aprendizagem. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2010.

MARCHAND, Camille. Entrevista. Gisèle Barret et la Pédagogie de la Situation. En Vie pédagogique, 144 Québec, p. 5-8, 2007 Disponível em: <http://collections.banq.qc.ca/ark:/52327/bs1839273>

Acesso em: 22 de agosto de 2022.

JOUVE, Vicent. A leitura. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

PAVIS, Patrice. Dicionário de teatro. Trad. Guinsburg e Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2008 RYNGAERT, Jean-Pierre. Ler o Teatro Contemporâneo. Trad. Andrea Stabel – 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012

SANTOS, Eneila. O protagonismo das máscaras nas leituras de espetáculos em tempo de Pandemia da Covid-19. In Teatro infantojuvenil no Brasil e em Angola: pesquisas e vivências artístico-pedagógicas. Org. Gislaine R. P. Rio Branco: Nepan Editora, 2023.

E-book https://drive.google.com/file/d/13aCZcvIT_goZygXupVhTZqNozYVG7cOB/view

Acessados em 25 de outubro de 2023.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. [Trad. e rev. Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos]. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

